

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG

Instituto de Ciências da Natureza

Curso de Geografia – Bacharelado

SAMARA SANTOS DA SILVA

**TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS E CONDIÇÕES DE VIDA
DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO SUL DE MINAS
GERAIS**



Alfenas - MG

2020

SAMARA SANTOS DA SILVA

**TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS E CONDIÇÕES DE VIDA
DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO SUL DE MINAS
GERAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos para
obtenção do título de **Bacharela** em
Geografia pelo Instituto de Ciências da
Natureza da Universidade Federal de
Alfenas- MG, sob orientação do Prof. Dr.
Gil Carlos Silveira Porto

Alfenas – MG
2020

Banca Examinadora

Gil Carlos Silveira Porto

Prof. Dr. Gil Carlos Silveira Porto, UNIFAL-MG -Orientador

Profª Drª Sandra de Castro de Azevedo, UNIFAL-MG

Profª Drª Marta Gouveia de Oliveira Rovai, UNIFAL-MG

Alfenas (MG), 20/10/2020

Resultado

Epígrafe

*A flecha atirei
Onde caiu, bradei
O céu relampeou
A chuva vai chegar
Meu corpo foi ao chão
Na palha pra curar
Lavei a alma e então*

*Me refiz na lama, vi pedra rolar
Dancei com a correnteza, me deixei pro mar*

*Cantar e dançar pra saudar
O tempo que virá, que foi, que está
Tocar pra marcar
O rito de passá*

(Rito de Passá - Mc Tha)

Dedicatória

*A minha mãe, e as minhas avós... E a todas as
mulheres que assim como elas sustentam
milhares de lares...*

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a todas as mulheres da minha família, minhas avós e principalmente minha mãe, que me inspirou e me motivou a pesquisar sobre o cotidiano do trabalho doméstico. Suas histórias de vidas e de luta agora serão eternizadas.

Agradeço também ao meu pai, que mesmo com suas poucas palavras sempre me motivou através de seu olhar e de seus gestos mais singelos.

As mulheres entrevistadas, que fizeram parte de todo esse caminho abrindo suas casas e suas vidas, participando e contando um pouco sobre suas vivências, e mesmo com todas as dificuldades, se propuseram a serem ouvidas, o meu muito obrigado. Agradeço pelo carinho, pela atenção, pelas risadas e pelas descobertas. Suas narrativas serviram como inspiração para mim e irão me acompanhar pelo resto da vida.

Aos meus amigos e amigas mais próximos, que sempre estiveram comigo nos momentos difíceis e me incentivam nessa jornada, e aos novos que conheci nessa etapa acadêmica e irei levar para toda vida.

Ao meu orientador Professor Dr. Gil Carlos Silveira Porto, que me acompanhou desde o início em minha jornada acadêmica, e me ajudou a dar os primeiros passos na pesquisa, me ajudou também através de suas conversas reflexivas e dos diálogos esclarecedores que me fizeram enxergar a Geografia com novos olhos.

A todos os professores que me inspiraram, em especial a Prof^a. Dr^a. Sandra de Castro de Azevedo, pelas aulas e debates transformadores, a Prof^a. Dr^a. Ana Rute do Vale pelas extensas provas que me fizeram tomar gosto pela escrita e a Profa. Dr^a. Marta Gouveia de Oliveira Rovai, do Instituto de Ciências Humanas e de Letras (ICHL) da Unifal-MG pelas conversas e conselhos e pelas aulas reflexivas.

Agradeço à Universidade Federal de Alfenas-MG pela estrutura e o amparo em todos esses anos, pelos auxílios, e pelo apoio pedagógico. Sempre defenderei a Universidade Pública e suas conquistas, porque sou parte dela.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pela bolsa de estudo durante a realização de iniciação científica em 2018.

Resumo

Este trabalho se propôs a buscar relatos de mulheres que trabalham como empregadas domésticas ou diaristas, tendo como objetivo geral compreender melhor como funciona as relações sociais no ambiente do trabalho doméstico, espaço entendido como lugar do acontecer solidário, bem como discutir as condições de vida dessas mulheres e de suas famílias. Essa pesquisa buscou refletir os processos históricos do trabalho doméstico, a desvalorização dessa atividade enquanto trabalho remunerado, o seu vagaroso processo de formalização e principalmente entender as vivências das trabalhadoras domésticas enquanto agentes produtoras de um espaço onde o acontecer se dá pelas ações de trocas entre os indivíduos. A metodologia de pesquisa compreendeu a realização de entrevistas em profundidade numa perspectiva de ouvir e compreender a rotina das trabalhadoras domésticas, em busca de uma investigação considerando as características de um grupo de mulheres, mães, negras, brancas, pardas, com idades entre 25 e 60 anos, residentes das cidades de Três Corações-MG e Alfenas-MG. As entrevistas tiveram como foco as relações que elas desenvolvem nos locais de trabalho e o cotidiano vivenciado por elas. Por meio da interpretação do conteúdo obtido nas entrevistas compreendeu-se que as problemáticas em torno do trabalho doméstico se fixam em origens históricas, que relacionam questões de raça, gênero e classe. Os resultados obtidos através das narrativas mostram uma realidade complexa e cheia de contradições, dividida em um dia a dia intenso, com muitos afazeres e deveres, permeado por relações de submissão, conflitos e resistência.

Palavra-chave: doméstica; trajetórias; trabalho; mulher; relatos;

Abstract

This work aimed to seek reports of women who work as domestic servants or day laborers, with the general objective of better understanding how social relations work in the domestic work environment, while the space of the place of the solidary happening, as well as discussing the living conditions these women and their families. This research sought to reflect the historical processes of domestic work, the devaluation of this activity as paid work, its slow process of formalization, and mainly to understand the experiences of domestic workers as producing agents of a space where what happens is due to the actions of exchanges between individuals. The research methodology comprised informal interviews in order to hear and understand the routine of domestic workers, in search of an investigation considering the characteristics of this group of women and the relationships they develop in the workplace. Through the interpretation of the interviews, it was understood that the problems surrounding domestic work are fixed in historical origins, which relate issues of race, gender and class. The results obtained through the narratives show a complex reality and full of contradictions, divided into an intense day-to-day life, with many chores and duties, permeated by relationships of submission, conflicts and resistance.

Keywords: domestic; trajectories; job; woman; reports.

Lista de ilustrações

Figura 01 – Mapa de Localização dos Municípios de Alfenas e Três Corações	15
Figura 02 – Brasil: Evolução da jornada de trabalho (2001-2014)	35
Figura 03 – Brasil: Evolução do salário-hora (2001-2014)	37
Figura 04 – Brasil: Proporção de carteiras de trabalho assinadas (2001-2014)	38

Lista de quadros

Quadro 01 – Quadro 1: Etapas Metodológicas da Pesquisa.....	17
Quadro 02 – Quadro 2: Características Gerais das Entrevistadas (2020)	42

Lista de tabelas

Tabela 01 – Informações Demográficas e Socioeconômicas dos municípios de Três Corações e Alfenas-MG (2010)	15
---	----

Lista de siglas

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

EC – Emenda Constitucional

FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PEC – Projeto de Emenda Constitucional

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas

SUMÁRIO

Lista de ilustrações.....	8
Lista de tabelas.....	9
Lista de quadros.....	10
Lista de siglas.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	13
2. OS PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	18
3. TRABALHO DOMÉSTICO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO.....	25
3.1 Trabalho e produção do espaço.....	25
3.2 Contexto histórico: Os afazeres domésticos no Brasil Colonial	27
3.3 Transição do escravismo para o trabalho assalariado: O início da formalização do trabalho doméstico.....	30
4. CARACTERIZAÇÃO EMPÍRICA DO TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL.....	34
4.1 O processo de formalização do trabalho doméstico.....	34
4.2 Empregadas domésticas e diaristas: Diferenças de um mesmo retrato.....	36
4.3 As questões de gênero, classe e raça no trabalho doméstico.....	41
5. O COTIDIANO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E A RELAÇÃO COM O LUGAR.....	45
5.1 O lugar como o produto de relações: O cotidiano das trabalhadoras domésticas.....	45
5.2 “Quase da família” A complexa relação entre patroas e trabalhadoras domésticas.....	50
5.3 A criação das redes de solidariedade como forma de resistência: E as expectativas das trabalhadoras doméstica sobre o futuro.....	54
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
ANEXOS.....	62

1. INTRODUÇÃO

O trabalho doméstico no Brasil sempre foi uma ocupação marcante e constantemente questionada sobre os valores e a ética que o cercam. Essa atividade profissional se apresenta no mundo do trabalho como um serviço que não gera lucros próprios, sendo desenvolvido apenas pela mão de obra que o exercem, tendo suas características marcadas por um passado totalmente escravista, onde as atividades domésticas eram feitas por escravizados, em sua maioria, mulheres negras (SILVA, 2017).

Atualmente no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (2018), existe cerca de 6,7 milhões trabalhadoras, o país possuía a maior população de mulheres domésticas no mundo; sendo que desse contingente, 62% eram negras e pardas; esse quadro é resultado de um processo histórico, que vem definindo características próprias dessa atividade, tanto no que se refere à sua característica de informalidade, quanto pela forte presença de mulheres negras e pobres em seu desenvolvimento.

O número de trabalhadoras domésticas vem crescendo nos últimos anos, à medida que mais mulheres se tornam chefes de família e precisam se inserir no mercado de trabalho para garantir o sustento familiar. O trabalho doméstico ajuda na manutenção da renda de milhões de brasileiras e se serve como uma porta de entrada para muitas mulheres jovens que buscam na atividade um meio de reverter sua situação social e financeira, provocada muitas vezes pelas condições de vida nas quais são expostas, como; o aumento no índice de desemprego, o preconceito racial sofrido por muitas e as desigualdades sociais cada vez mais demarcadas, excluem essas mulheres a direitos básicos como a educação, a cultura e a melhores condições de vida. Esses fatores são excludentes e determinam as conjunturas atuais do trabalho domésticos.

Outra circunstância marcante do trabalho doméstico no Brasil são as condições nas quais ele é realizado, em sua maioria na informalidade. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), (2015), de um total de 6,7 milhões de mulheres que desenvolveram essa modalidade, 73,8% delas não possuíam carteira assinada e ficavam isentas dos direitos respaldados por lei. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), (2015), o trabalho doméstico era a ocupação que apresentava o menor rendimento médio mensal ficando muito abaixo de outras atividades.

Frente as questões mencionadas, analisar e refletir sobre as condições de vida e trajetórias das trabalhadoras domésticas no sul de Minas Gerais, em um país que abriga o

maior contingente dessa população é também olhar um pouco para a realidade nacional, mesma que seja em um pequeno grupo de mulheres. Em torno dessa discussão buscou-se com os objetivos da pesquisa analisar questões vivenciadas no cotidiano das trabalhadoras domésticas, assim como o espaço de realização dessas atividades e como nesses lugares são compartilhados as relações solidárias, demonstrado através de inúmeras ações que constitui e moldam as políticas dos lugares como a relação dessas mulheres com seus locais de trabalho.

O que se propôs a ser investigado com os objetivos específicos da presente pesquisa foi: descrever e discutir criticamente os lugares de trabalho dessas mulheres e deslocamento espacial das mesmas; compreender as relações e trabalho e vínculos criados entre patroa/patrão e trabalhadoras domésticas; relacionar as questões raciais, econômicas e de gênero, e como elas são demonstradas nesses espaços laborais; e como funciona o dia a dia dessas mulheres, a realização de tarefas, os cronogramas a serem cumpridas as exigências e obrigações e como elas subvertem e resistem perante isso, suas formas de luta.

A metodologia desenvolvida visou reunir um número pequeno de mulheres e realizar a entrevista em profundidade o que possibilitou o entendimento de algumas questões. Os relatos analisados foram de suma importância e auxiliaram na compreensão dos objetivos específicos do trabalho. As entrevistas foram realizadas nas cidades de Três Corações e Alfenas, ambas localizadas no sul do estado de Minas Gerais, e possui uma ligação familiar com a autora. Na figura 1 pode ser observada melhor a localização dos dois municípios.

Os municípios em questão se inserem no grupo daqueles com alto desenvolvimento humano, possuindo alto grau de urbanização, sendo que parte considerável de sua população não finalizou o Ensino Fundamental. Além desses aspectos, chama a atenção o número expressivo de mães chefes de famílias sem Ensino Fundamental e que possuem filhos menores de idades como é demonstrado na tabela 01.

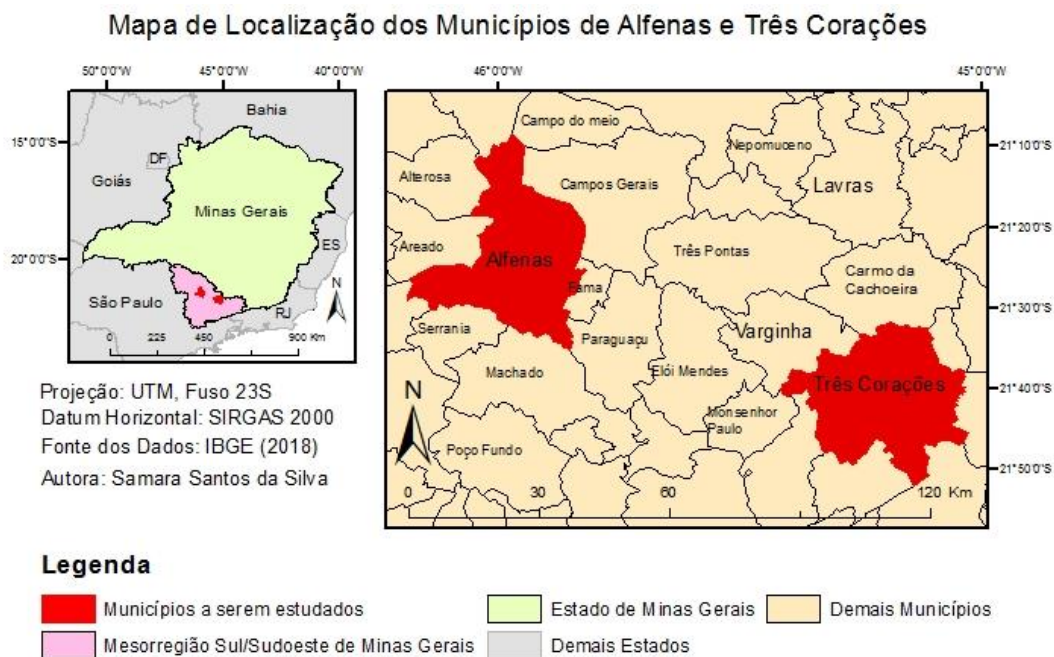
Tabela 01: Informações Demográficas e Socioeconômicas dos municípios de Três Corações e Alfenas – Minas Gerais, 2010.

Informações Demográficas e Socioeconômicas	Três Corações	Alfenas
IDHM	0,744	0,761
População Absoluta	72.765 hab.	73.774 hab.
População Feminina	36.662	37.693
População Urbana	65.826	69.176
População Rural	6.939	4.598
Renda per capita	749,86	783,41
População de 25 anos ou mais com Ensino Fundamental incompleto ou alfabetizada	40,9%	41,3
População Economicamente Ativa	69,2%	68,4
Mães chefes de família sem Ensino Fundamental e com filho menor do total de famílias registradas	17, 25 %	13,8
Fonte: Atlas Brasil, 2010.		

Essas informações são relevantes já que a localização e as condições socioeconômicas dessas cidades determinam as condições de trabalho e conseqüentemente de vida das trabalhadoras domésticas.

Por se tratar de cidades localizadas em uma região onde a um índice de desenvolvimento parecido as questões sociais, culturais, políticas e econômicas tende a ser parecidas e essas questões influenciam na rotina de trabalho de muitas pessoas implicando diretamente em questões salariais,

Figura 01: Mapa de Localização dos Municípios de Alfenas e Três Corações, 2018



Fonte: Dados IBGE, 2018.

O presente trabalho se mostra de forma pertinente porque mesmo que inúmeros estudos estatísticos e populacionais tenham sido feitos no âmbito acadêmico, ainda há muito a ser investigado, como a realização de pesquisa cujo centro da investigação seja o fenômeno em foco e as pessoas que o produzem. Desse modo, as reflexões em volta do tema se mostram importantes em discutir inicialmente as relações humanas dentro de um ambiente considerado privado, cujo foco seja o trabalho doméstico.

Descrever as interações sociais, tanto no espaço de trabalho, quanto no espaço familiar através de relatos das trabalhadoras domésticas é compreender acima de tudo a realidade cotidiana dessas mulheres, o que se buscou em síntese com a interpretação final e análise dos dados. Os resultados obtidos com a pesquisa foram conclusivos em relação a diversos questionamentos e apresentaram dados satisfatórios em relação as narrativas das mulheres que

foram entrevistadas.

O capítulo 1 a Introdução trata de trazer uma visão inicial sobre a pesquisa; O capítulo 2 Metodologia são apresentados os percursos metodológicos que possibilitaram o desenvolvimento dos objetivos; nesse capítulo será apresentado também como se desenvolveu a realização das entrevistas.

Os próximos capítulos se resumem no desenvolvimento teórico do trabalho e os dados conclusivos e interpretados através das entrevistas. Começando com o capítulo 3 intitulado de Trabalho doméstico: Contextualização histórica e produção do espaço que trata das discussões históricas do trabalho doméstico e a produção do espaço no mundo do trabalho. Em seguida, no capítulo 4 Caracterização empírica do trabalho doméstico no Brasil, dando continuidade aos aspectos históricos, refletimos a respeito da formalização do trabalho doméstico no Brasil e como o contexto social e os conceitos de gênero, raça e classe servem como categoria de análise para compreendermos melhor as relações existentes no trabalho doméstico.

O capítulo 5 o cotidiano das trabalhadoras domésticas e a relação com o lugar se propõe a interpretar as narrativas colhidas com as entrevistas das trabalhadoras domésticas com o intuito de demonstrar através das falas das trabalhadoras domésticas suas vivências. O último capítulo traz as considerações finais acerca do trabalho e expectativas para futuras pesquisas.

2. OS PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O percurso metodológico da pesquisa compreendeu 4 etapas diferentes; a primeira etapa correspondeu a revisão da literatura e a busca por informações referente ao trabalho doméstico; a segunda etapa foi a escolha técnica de pesquisa e a criação inicial de um roteiro para as entrevistas; a terceira fundamentou o convite feito para as mulheres participarem das entrevistas e na realização das mesmas; e por último na quarta etapa foi feita a transcrição das entrevistas e interpretação dos relatos.

Quadro 1: Etapas Metodológicas da Pesquisa

Etapas	Percurso
1º	Revisão da Literatura e estudo detalhado; Identificação e enumeração dos principais trabalhos científicos publicados sobre a área e a temática de estudo (livros, capítulo de livro, artigos, etc.); Realização de revisão da literatura sobre o tema de investigação.
2º	Revisão e análise do melhor método para ser aplicado na realização das entrevistas; Escolha técnica do método de entrevista para ser aplicado; Criação de um roteiro inicial para execução das entrevistas; Identificação inicial das mulheres entrevistadas.
3º	Finalização da etapa de identificação das mulheres e convite para participarem da pesquisa em Três Corações e Alfenas; Seleção das datas e horários para a realização das entrevistas; Realização das entrevistas com as trabalhadoras domésticas.
4º	Transcrição das entrevistas; Seleção das narrativas que estarão presentes no trabalho; Continuação e finalização do processo de interpretação dos relatos individuais das trabalhadoras entrevistadas; Conclusão geral das respostas interpretadas por meio dos relatos e das não interpretadas.

Fonte: Samara Santos, 2020.

Na primeira etapa da pesquisa foi realizada uma revisão aprofundada da literatura por meio da leitura de artigos, livros recolhidos na universidade, monografias a respeito do tema, e teses de doutorado e anais publicadas eventos.

Foi feita também a busca e maneira virtual, o que possibilitou a visita a vários sites de

pesquisa como, do IBGE, da OIT, do DIEESE, PNAD, da Fundação João Pinheiro, dentre outras. Foi uma intensa investigação sobre como ocorreu a evolução das condições sociais, políticas e históricas que determinaram o trabalho doméstico atual no Brasil.

Na segunda etapa foi analisada qual seria a melhor técnica de entrevista para ser aplicado, com o propósito de compreender os objetivos principais do trabalho, a técnica escolhida para a interpretação das questões propostas sobre as experiências de vida e o lugar da mulher como trabalhadora doméstica, foi a entrevista em profundidade ou entrevista semiestruturada.

As entrevistas em pesquisas qualitativas são aplicadas para que haja uma melhor compreensão dos fatos e para se atingir uma clareza nas explicações de fenômenos sociais o que permite ao pesquisador extrair uma quantidade muito grande de dados e informações que possibilitam um trabalho bastante detalhado.

Segundo Boni (2005), a entrevista em profundidade relaciona perguntas abertas e fechadas onde o entrevistado tem a opção de debater sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir uma série de questões previamente definidas como um roteiro, contudo a entrevista é conduzida em contexto semelhante ao de uma conversa descontraída e as perguntas podem ter a ordem alterada devido às respostas dadas.

Um dos objetivos mais importantes da entrevista em profundidade é que ela permite uma aproximação maior sobre o tema discorrido e as respostas muitas das vezes apresentam um teor emocional diretamente ligado com as experiências de vida do entrevistado, fazendo com que as informações dadas tenham uma ligação direta com o fenômeno social estudado.

Numa perspectiva crítica, o propósito do trabalho foi o de obter um entendimento maior nas análises das questões sociais. Assim, as perguntas elaboradas anteriormente tiveram grande importância para a descoberta dos significados dos comportamentos das pessoas de determinados meios culturais. Para Triviños (1987), a entrevista em profundidade tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dadas.

Outro ponto importante da entrevista em profundidade é a elaboração de um roteiro com as perguntas pré-definidas pelo entrevistador, essa técnica ajuda a direcionar a entrevista em determinados momentos. De acordo com Manzini (1990), esse método de criação do roteiro pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Ainda segundo o autor, a entrevista

semiestruturada está centrada em um assunto sobre o qual o roteiro propõe as perguntas iniciais e se complementa ao decorrer da entrevista com outras questões inerentes às circunstâncias.

O roteiro é de imensa relevância, pois através dele também é possível que haja um processo de organização das ideias e da forma como as perguntas serão feitas. Manzini (1990), salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.

Contudo, é essencial tomar atenção em relação ao uso da linguagem específica, e as palavras que serão utilizadas, o roteiro também serve para auxiliar nessa etapa porque algumas questões podem acabar desencadeando algum impacto emocional nas entrevistadas. No caso da presente pesquisa alguns assuntos abordados foram para que as entrevistadas pudessem voltar um pouco ao seu passado sem que houvesse algum tipo de constrangimento ou algum marcante que as fizesse sentir desconfortável.

Outro ponto positivo do roteiro é que ele auxilia na sequência que as perguntas são feitas geralmente iniciando com perguntas sobre a vida pessoal como a idade, a residência atual, como parte da identificação e ao decorrer da entrevista as perguntas tendem a ficar mais próxima das realidades vividas ou ainda vivenciadas, dependendo do tipo da pesquisa feita e o tema a ser trabalhado.

Na presente pesquisa o roteiro montado possuía um total de dez perguntas, se iniciando com questionamentos para conhecer melhor as entrevistadas, até se desenvolver para os temas mais relacionados com a rotina e o dia a dia no ambiente de trabalho e as relações vividas e compartilhadas. O roteiro possui uma ordem de perguntas mais como mencionadas acima nas entrevistas em profundidade tendem a não seguir totalmente essa ordem podemos ser alteradas no decorrer da entrevista.

O roteiro foi pensado baseado nos objetivos principais da pesquisa, com o intuito de compreender a rotina dessas mulheres e como elas lidam com todas as adversidades que são apresentadas no ambiente familiar e de trabalho. Temas como o descolamento espacial no contexto urbano, a convivência com os padrões e principalmente as tarefas que elas executam dentro nos locais de trabalho foram de imensa importância para entendermos às relações presentes nesses lugares, e como elas interferem diretamente na vida pessoal dessas mulheres.

Na terceira etapa dos procedimentos metodológicos com o roteiro de perguntas já montado foi realizado o convite inicial para algumas mulheres participarem da entrevista. A abordagem foi feita primeiramente com as mulheres do círculo familiar da autora e em seguida o convite se estendeu para outras mulheres. Com as entrevistas já marcadas nas duas cidades (Alfenas-MG e Três Corações-MG) o próximo passo foi começar a execução delas.

A princípio foi sugerido duas opções para as entrevistadas. A primeira opção de entrevista iria ser realizada de maneira remota por meio de aparelhos celulares ou outro meio de comunicação que melhor se adequasse à realidade da entrevistada. Na segunda opção a entrevista seria realizada de forma presencial, porém, com todas as medidas preventivas necessárias que garantisse a saúde da entrevistada e de sua família e da autora, como o uso de máscaras por ambas e mantendo a distância mínima de 1,5 metro. Todas essas medidas foram tomadas devido às circunstâncias atuais vigentes da pandemia do novo Covid-19. Metade das entrevistadas optaram por realizar a entrevista presencialmente e a outra metade preferiu que fosse de maneira remota por chamadas de celular ou videoconferência. As entrevistas ocorreram entre o mês de maio e julho de 2020.

As entrevistas tiveram uma duração média de 50 minutos, a mais prolongada durou 02 horas e 30 minutos. Para a gravação foi utilizado o gravador de áudio MP3. Nas entrevistas efetuadas a distância foi utilizado dois aparelhos celulares, um para gravação e outro para se comunicar com a entrevistada. Quase todas as entrevistas foram realizadas no fim de semana e foram marcadas de acordo com as datas e horários agendados pelas próprias entrevistadas.

Foram realizadas um total de 6 entrevistas metade das entrevistadas se declaram negras, apenas uma se declarou branca, e duas se autodeclararam como pardas. Em relação à idade das entrevistadas, elas possuem uma faixa etária de 20 anos a 60 anos, todas são mães e trabalham ou trabalhavam como doméstica e diaristas. Com base nessas informações foi montado um quadro com as características gerais dessas mulheres com o objetivo de melhor compreender e identificar as entrevistadas.

Quadro 2: Características Gerais das Entrevistadas (2020)

Maria, 50 anos, mãe de 3 filhos, residente da cidade de Três Corações-MG. Trabalhou como doméstica por mais de 20 anos e atualmente é auxiliar de limpeza em empresas terceirizadas.
Ana, 26 anos, mãe de 1 filho, residente da cidade de Três corações-MG. Começou a trabalhar como doméstica aos 24 anos e atualmente trabalha numa casa de família”
Alice, 52 anos, mãe de 2 filhos, residente de Alfenas-MG, começou a trabalhar como domésticas com doze anos, trabalha atualmente como faxineira, já trabalhou como doméstica e prestou serviços gerais.
Rosa, 45 anos, mãe de 2 filhas, residente da cidade de Três Corações-MG, trabalha como doméstica desde 17 anos, atualmente trabalha em uma casa de família.
Teresa, 60 anos, mãe de 1 filho e 1 filha, e avó, residente da cidade de Alfenas-MG, trabalhou por mais de 30 anos como doméstica e faxineira, atualmente presta serviços gerais em uma escola.
Rute, 36 anos, mãe de 1 filha, residente da cidade de Alfenas-MG, começou a trabalhar como doméstica aos quinze, atualmente faz faxinas em tempo integral.

Fonte: Samara Santos, 2020.

A primeira entrevista foi realizada com Maria de 50 anos, residente da cidade de Três Corações-MG, no dia 15 de maio às 16h30minh da tarde em sua casa, com duração de 45 minutos. O começo da entrevista foi um pouco conturbado devido ao nervosismo de Maria, porém ao decorrer da conversa ela conseguiu se sentir mais confortável e contar suas experiências de vida como trabalhadora doméstica.

A segunda entrevista foi realizada no dia 28 de maio, com a Ana de 26 anos, também residente da cidade de Três Corações-MG. A entrevista com a Ana foi marcada para iniciar as 17h00min por meio de vídeo conferência, contudo tivemos alguns imprevistos no começo por causa da conexão, e a ligação caiu algumas vezes. Entretanto, conseguimos da continuidade e seguir com a entrevista que durou cerca de 60 minutos e foi realizada de forma tranquila por parte da entrevistada, apesar dos imprevistos.

A entrevista com a Ana foi uma indicação da Maria, a primeira entrevistada, as duas se conheciam. Ao longo dos relatos percebemos que as mulheres criam redes de amizades e

solidariedade entre elas e a maioria das entrevistas foram indicações anteriores com conhecidas e amigas.

A terceira entrevista foi realizada na cidade de Alfenas-MG, no dia 13 de junho, com a Alice de 52 anos. A entrevista aconteceu de forma presencial às 20h00min tendo uma duração de quase duas horas, em um processo bastante acolhedor em que Alice ficou bem confortável em contar sua história e toda a sua rotina de forma bem detalhada.

A quarta entrevista ocorreu na cidade de Três Corações-MG com a Rosa de 45 anos residente da cidade, no dia 27 de junho, e foi à única entrevista que não foi planejada anteriormente e aconteceu de forma ocasional por parte da entrevistada que soube do trabalho e quis se entrevistada. Essa entrevista durou cerca de 60 minutos e foi realizada presencialmente na casa da entrevistada as 16h00min da tarde.

As duas últimas entrevistas foram realizadas na cidade de Alfenas- MG, a primeira com a Teresa de 60 anos, no dia 18 de julho, as 18h00min da tarde e a segunda no dia 25 de julho com a Rute de 36 anos, as 19h00min da noite. As duas últimas entrevistas foram feitas de forma remota, por meio de chamadas e vídeo conferência. A entrevista com a Teresa se iniciou por meio de vídeo chamada através de uma rede social, porém tivemos problema de conexão e tivemos que interromper a entrevista e prosseguir por meio de chamada de voz. Com a Rute criamos uma sala em um aplicativo de celular escolhido por ela e conseguimos realizar a entrevista sem muitas interrupções de sinais.

A quarta etapa dos procedimentos metodológicos correspondeu primeiramente a transcrição das entrevistas. Ao todo foram gravadas aproximadamente 6 horas de entrevistas que demoraram cerca de 08 dias para serem transcritas, dando um total de 19 páginas de relatos transcritos. A seleção dos relatos presentes na pesquisa foi escolhida de acordo com os temas e objetivos retratados no presente trabalho. Perguntas de como funciona o dia a dia dessas mulheres, a rotina de trabalho, os afazeres executados, a relação delas com os membros da família, as maiores dificuldades enfrentadas e o desenvolvimento de uma rede de solidariedade entre elas, foram alguns assuntos narrados.

Os trechos com as narrativas foram selecionados e destacados no texto para melhor identificação da autora e foram colocados no trabalho com o objetivo de compreender melhor a relação do lugar onde exercem as suas funções laborais e as experiências de trabalho compartilhadas por elas. Com as entrevistas já transcritas e selecionadas o próximo passo foi adicioná-las no texto para discutir, relacionar e interpretar as experiências dessas seis mulheres em seus locais de trabalhos.

O processo de interpretação dos relatos obtidos com as entrevistas foi satisfatório porque a maioria das questões foram discutidas e interpretadas no decorrer do texto. Como foram muitas páginas de transcrição das entrevistas não conseguimos abordar todas os assuntos discutidos nos relatos, a proposta será fazer trabalhos futuros que possam dar conta de todas as discussões colocadas pelas trabalhadoras domésticas.

3. TRABALHO DOMÉSTICO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E PRODUÇÃO ESPAÇO

No presente capítulo iremos discutir inicialmente o trabalho de uma maneira geral e a sua dinâmica sobre a produção do espaço; como os processos originados a partir das atividades remuneradas se modificam no espaço, através do tempo, ocasionando na modificação e na criação de novos espaços, por meio das relações de trabalho. Em seguida iremos debater sobre o contexto histórico dos afazeres doméstico no período escravocrata e as suas consequências e influências no trabalho doméstico atual.

Em relação ao debate do contexto histórico serão analisados períodos importantes que influenciaram na formalização do trabalho doméstico no Brasil, como, por exemplo, a transição do escravismo para o trabalho assalariado, e o início da formalização das atividades domésticas.

3.1 Trabalho e produção do espaço

O trabalho remunerado de uma maneira geral é visto como uma atividade sobre a qual o ser humano vende a sua força de trabalho para conseguir os meios para a própria subsistência. Para muitos estudiosos como Andery (2012), o trabalho é uma categoria de análise para as ciências humanas, que possibilita explicar o mundo e as sociedades, o passado e a relações sociais, e permite visualizar o futuro, contribuindo para dinâmica do modo capitalista de produção.

Atualmente o trabalho é considerado parte primordial na vida de milhões de pessoas ao redor do mundo e defini o cotidiano de muitas, como uma atividade essencial para o manuseio da vida moderna.

No campo da ciência geográfica o trabalho humano está inteiramente ligado à produção do espaço. Para interpretar melhor essa definição primeira é necessária discutir o conceito de espaço. São muitos autores que trazem a concepção de espaço, já que é um conceito clássico na Geografia, que servem como uma categoria de análise.

Santos (2014), define o espaço a partir de uma totalidade formada por um conjunto de ações e objetos que interagem entre si; essas ações estão inseridas em instancias da sociedade como a econômica, social, ideológica, institucional entre outras. “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” Santos (2009, p.39).

O entendimento desse espaço geográfico ainda segundo Santos (2009), se dá a partir de uma análise atual da realidade, considerando sempre a dialética histórica de cada uma dessas instancias, que individualmente no final acabam compondo o todo. Para que isso aconteça devem ser levados em consideração também os agentes capitalistas e os detentores do poder. O espaço reconhecido por Milton Santos (2008,) é resultado de uma produção, essa produção primeiramente resulta na passagem do homem primitivo ao homem social, que utiliza da natureza para retirar os recursos necessários para a sua sobrevivência; assim ela se torna o intermédio entre o homem e o espaço modificado. Para Santos (2008), produzir é tirar da natureza elementos fundamentais para a reprodução da vida em um processo coletivo onde o trabalho é um dos seus principais instrumentos.

O homem começa a produzir quando, pela primeira vez, trabalha junto com outros homens em um regime de cooperação, isto é, em sociedade, a fim de alcançar os objetivos que haviam antecipadamente concebido, antes mesmo de começar a trabalhar. A produção é a utilização consciente dos instrumentos de trabalho com um objetivo definido, isto é, o objetivo de alcançar um resultado preestabelecido (SANTOS, 2008, p.202).

A partir desse ponto de vista, a natureza começa a ficar cada vez mais modificada e deixa de comandar as ações do homem e da mulher e a atividade social começa a ser um vínculo entre o trabalho e essa natureza alterada e todo esse processo só é possível se houver uma organização social e conseqüentemente do espaço.

Além da reprodução do espaço, o trabalho causa uma divisão territorial que se estabelece em diferentes locais, operando diversas atividades ao mesmo tempo. A divisão territorial do trabalho está integralmente ligada à posição geográfica dos elementos sociais e econômicos sobre o espaço, porém essa distribuição se apresenta de maneira desigual e segue um padrão definido pelo capital. O trabalho tende também a acompanhar as mudanças históricas por meio do tempo e segue uma linha cronológica em relação aos acontecimentos reproduzidos no espaço.

Os estudos que abordam a divisão territorial do trabalho apresentam uma dialética importante na Geografia, pois permitem a análise da posição dos objetos e dos recursos disponíveis no espaço, bem como, eles se distribuem criando um sistema que ocasiona a divisão e a reprodução do espaço. Outra consequência desse processo é a divisão técnica que causa a separação do trabalho intelectual ou manual, dimensionando o processo produtivo e o próprio trabalhador numa unilateralidade.

De acordo com Santos (2009), a divisão territorial do trabalho pode ser vista como um processo pelo qual os recursos disponíveis se distribuem geograficamente. Esses recursos são formados por uma totalidade que se distribuem e se transformam ao longo do tempo, mudando assim os indivíduos, os próprios recursos que se renovam e criam outra totalidade. É importante também considerar essa análise em relação ao tempo, porque novas divisões do trabalho começam a surgir a partir dele, como menciona Santos:

Lembre-mos, em primeiro lugar, de que a cada novo momento histórico muda a divisão do trabalho. É uma lei geral. Em cada lugar, em cada subespaço, novas divisões do trabalho chegam e se implantam, mais sem exclusão da presença dos restos de divisões dos trabalhos anteriores (SANTOS, 2009, p.136).

As novas divisões do trabalho são responsáveis por gerar uma nova organização socioespacial, que surgem à medida que o tempo se modifica e os acontecimentos históricos se concretizam. O tempo é uma característica importante para que as mudanças possam ocorrer na reprodução do espaço.

Ainda segundo Santos (2008), o tempo seria visto de maneira geral como instrumento que auxilia no modo de produção do trabalho; esse modo de produção seria uma medida geral para administrar o tempo que se organiza de diversas maneiras; o espaço com todo esse processo deixa de ser o mesmo e se transforma, adaptando-se a as necessidades das sociedades locais, aos novos processos produtivos e as novas condições de trabalho. “A cada renovação das técnicas de produção, de transporte, de comercialização, de transmissão das ideias, das ideologias e das ordens, corresponde uma forma nova de cooperação, mais profunda e espacialmente mais extensa” (SANTOS, 2008).

Outro ponto que defini a dialética no mundo do trabalho são as relações sociais presentes de uma forma hierárquica. Acredita que se há um trabalho ele deve ser executado por alguém, para alguém, com isso ocorre a venda da força de trabalho em um sistema que explora e segrega. Um geógrafo importante que contribui com essa discussão é David Harvey (2016), que menciona que as explorações no mundo do trabalho fazem parte de uma prática antiga que discrimina as minorias sociais, sendo essa prática motivada por interesses religiosos, biológicos, ou culturais, que de alguma forma possam ser mercantilizadas ou monetizadas.

O fato de alguns seres humanos se apropriarem da força de trabalho de outros e a explorarem é característica antiga da organização humana. O exercício do poder para essa finalidade levou à construção de diferentes relações sociais, desde escravidão, servidão e tráfico de mulheres e as vezes crianças, vistas como meros bens móveis (HARVEY, 2016, p. 67).

As relações advindas de todo o processo do trabalho produzem consequências perversas para os que se encontram na base da pirâmide social em uma condição múltipla que os submete a uma condição de desvalorização. A monetização da força de trabalho ocorre de forma construída institucionalmente onde os seres humanos já nascem sabendo o seu papel dentro de uma sociedade formada por classes, onde os mais privilegiados socialmente por inúmeros fatores se tornarão os detentores do poder gerando lucro pela exploração da força de trabalho das classes mais baixas.

O capital se beneficia então das relações sociais construídas historicamente para intensificar a sua exploração sobre a força de trabalho da classe trabalhadora, o que agrava a questão social dos grupos mais vulneráveis no espaço geográfico brasileiro. Nessa perspectiva, Harvey (2011) afirma que:

[...] diferenças emergem como fundamentais para o funcionamento do mercado de trabalho. Tornam-se ferramentas por meio das quais os capitalistas administram a oferta de trabalho em conjunto com os setores privilegiados da força de trabalho que usam o racismo e o machismo para minimizar a competição (HARVEY, 2011, p. 57).

Como consequência, cria-se um mercado fragmentado, onde há inúmeras divisões do espaço, onde existe um controle do processo produtivo majoritariamente por homens brancos de classe média alta, enquanto o restante da população compõe mão de obra barata presente em fábricas e outros que produzem bens e serviços como os trabalhadores domésticos, tema desse estudo, esses espaços se tornam cada vez mais reproduzidos por uma massa de trabalhadores que buscam nessas atividades o meio para a sua subsistência diária, em um mercado de trabalho cada vez mais concorrido e desigual.

O trabalho é então responsável por reproduzir na sociedade um espaço segregado que utiliza de diferentes escalas geográficas dos recursos para moldar os seus domínios causando a exploração da força de trabalho das classes menos privilegiadas em diferentes escalas espaciais, que podem ser desde uma multinacional a uma casa onde uma doméstica trabalha.

Explicar as origens de tal reprodução espacial é algum que demanda de diversos fatores históricos, no Brasil, por exemplo, a escravidão teve uma influência direta nas relações de trabalho presentes na atualidade, pois foi responsável pela marginalização e a exclusão da população negra e pobre em várias ocupações de prestígios colocando esses indivíduos em funções menos favorecidas como é o caso do trabalho doméstico.

3.2 Contexto histórico: Os afazeres domésticos no Brasil Colonial

As tarefas domésticas no Brasil segundo Kofes (2001), se iniciam de uma forma totalmente escravocrata onde a venda e troca de escravos para a realização de tarefas domésticas dentro dos casarões era algum corriqueiro. De acordo com Graham (1992), a realização das tarefas domésticas dentro desses locais se dividia em funções nas quais existiam as mucamas, as amas-de-leite, as cozinheiras, as copeiras, as arrumadeiras, as carregadoras de água ocasionais, as lavadeiras, as costureiras e as mesmas mulheres na maioria das vezes ainda realizavam serviços fora do seu trabalho rotineiro como vender frutas e doces na rua.

O que as diferenciava ainda segundo Graham (1992), não era apenas o valor aparente que cada uma demonstrava mais também o contato diário que cada uma mantinha com os membros da família e como elas seriam supervisionadas por eles.

Gilberto Freyre (1987), em sua obra “Casa Grande & Senzala” relata o cotidiano do trabalho doméstico no período colonial. De acordo com ele a rotina desenvolvida entre a senzala e a casa grande se baseava nas relações entre os senhores e os escravos, pautadas no amor, no ódio, nos acordos pessoais, no entendimento da colaboração e da exploração, na convivência diária, que ocultava a separação entre atribuições e gentilezas, diretas e deveres.

Segundo Slenes (1997), as relações do cotidiano nesse período eram baseadas nos princípios da dominação com práticas que levavam a um aprisionamento não somente físico mais também sentimental e psicológico. Os proprietários dos escravizados muitas vezes forçavam a formação de laços, junto com ameaças, violências e coação.

[...] dentro de certos limites, os senhores estimulavam a formação de laços de parentesco entre seus escravos e instituem, junto com a ameaça e a coação, um sistema diferencial de incentivos – no intuito de tornar os cativos mais dependentes e reféns de suas próprias solidariedades e projetos domésticos (SLENES, 1997, p. 236).

Outra forma de demonstrar as relações vivenciadas naquela época e a forma hedionda e perversa que os escravizados eram submetidos são identificadas nos anúncios em jornais, o meio comunicação mais utilizado na época, como demonstra essas duas citações tiradas do Jornal do Comércio em 1888, jornal este que circulava na capital Rio de Janeiro.

Alugam-se boas amas de leite e secas, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras de casa, jardineiros, pessoal sério e de confiança, no escritório da Agência Francesa, na rua de Santo Antônio n. 15; esta tem sempre criados e criadas para todos os serviços domésticos, para casa de família, pensão e hotéis, para a capital ou fora, a comissão é de 5\$ e só se paga depois de alguns dias e ter provado se o criado serve ou não. O escritório acha-se aberto das 6 horas da manhã até às 10 horas da noite, portão grande; na rua de Santo Antônio n. 15. (JORNAL DO COMMERCIO, 21.03.1896).

O Centro de Locações e Comissões, Ouvidor n. 29, 1º andar, tem hoje para alugar o seguinte pessoal, todo afiançado: um pardo, muito bom copeiro, por 35\$000; um preto, de idade, para cozinheiro, sabendo fazer doces, por 40\$000; um francês, de idade, para cocheiro ou qualquer outro trabalho, não fala português; um alemão, de 35 anos, para copeiro ou qualquer serviço doméstico, por 25\$000; um moço espanhol, recém-chegado, para copeiro de casa de família, por 25\$000; um casal alemão, o marido para copeiro e jardineiro e a mulher para costurar, arrumar casa e lidar com crianças, por 60\$000. (JORNAL DO COMMERCIO, 14.01.1888).

Os anúncios expostos acima mostram um panorama da desumanização sofrida pelos escravizados. A vivência diária principalmente das mulheres dentro dos casarões demonstra uma realidade pautada em dicotomias na qual as tarefas domésticas iam muito além de simples atividades, eram algo que as aprisionavam a um tipo de atividade e de relação. Naquele contexto é importante compreendermos as relações de trabalho para adentrar as formas como se compunham as relações sociais vivenciadas.

3.3 Transição do escravismo para o trabalho assalariado: O início da formalização do trabalho doméstico

Após o fim da escravidão houve um vagaroso processo para a introdução do trabalho assalariado. De acordo com Vieira (2018), essa transição foi difícil para os ex-escravizados devido às inúmeras divergências que existiam entre o trabalho nascido de uma origem escravista e o trabalho assalariado posterior a Revolução Industrial.

Mesmo com inúmeros relatos de violência e exploração vinda da experiência europeia o trabalhador europeu ainda mantinha seu status de consumidor na compra das mercadorias locais. Já a situação dos ex-escravizados era completamente diferente, pois a eles não era dada nenhuma garantia de salário e muito menos o direito de um consumo próprio e de certa autonomia. “O escravo era ele mesmo uma mercadoria, socialmente coisificado, pois lhe era negada a posse de seu próprio corpo” (IDEM, p.19).

Outro fator importante da época é que toda produção interna era voltada para a exportação; todo o lucro era escoado para metrópole; os produtores locais eram impedidos de importar produtos para consumo próprio e para o abastecimento da força de trabalho. O que ocasionava uma hiper exploração do trabalhador escravizado, que produzia o lucro suficiente para a colônia e para metrópole.

Todo esse processo de mudança refletiu no mercado de trabalho interno principalmente nos trabalhos que geravam lucros; porém, atividades domésticas consideradas sem valor lucrativo continuavam sendo praticadas de forma invisível dentro dos lares. Como consequência essas atividades tiveram um processo lento para se consolidar como um trabalho remunerado. Após o fim da escravidão as tarefas domésticas iam se formando dentro do mercado de trabalho de uma maneira desigual, pois, continuavam sendo praticadas de forma exploratória.

Inácio e Costa (2007), ainda ressaltam que a situação que sucedeu após o período pós-abolição era derivada do fato de que as ex-escravizadas ainda lidavam com todos os afazeres domésticos. Embora conquistasse a liberdade advinda da lei Áurea, continuavam permanecendo com seus antigos senhores sem receber salários, apenas em troca de abrigo e comida, já que muitas não tinham para onde se refugiar e nem o que fazer.

Mesmo com todos esses empecilhos o trabalho doméstico passa a ser o único meio de sobrevivência de muitas mulheres negras e pobres. De acordo com Pereira (2011), as escravizadas que foram libertas passaram a compor uma mão-de-obra no mundo do trabalho através do trabalho doméstico. Nesse contexto ainda segundo a autora, nos grandes centros urbanos o trabalho doméstico ocupou um lugar de centralidade nas relações de trabalho estabelecidas entre ex-senhores e as não mais escravas, formando um contingente de cerca de 70% da população economicamente ativa inserida nessa atividade na época.

Outra questão importante sobre a realidade do trabalho doméstico na virada do XIX para o XX é a ampliação que essa modalidade se insere no mercado capitalista, se consolidando cada vez mais dentro das grandes cidades. Isso certificou de maneira acentuada a incorporação dessas mulheres no sistema, mesmo que o trabalho doméstico não fosse considerado produtivo do ponto de vista da economia por não ser reconhecido como comprável ou vendável.

Verifica-se então que, neste contexto, a divisão ética racial e sexual do trabalho já assumia um nível de hierarquização importante nos meios de produção e dentro dos lares ela se tornava cada vez mais explícita. Todo esse contexto de mudança ocorrido a partir do século XIX também acabou determinando a transformação da senhora em patroa e a escravizada em empregada doméstica.

Segundo Priori (2000), as mulheres negras e pobres sofreram o maior ônus dessa época, já que exerciam os afazeres domésticos na própria moradia e trabalhavam fora; esses afazeres faziam parte da reposição diária da força de trabalho de seus companheiros e filhos e

ainda contribuíram para o mercado interno em formação como lavadeiras, engomadeiras, doceiras, bordadeiras, floristas entre outras. Nessas moradias desenvolviam redes de solidariedade que garantiam a sobrevivência de seus familiares o que ajudava no crescimento das famílias.

Essas redes eram constituídas de favores e troca de informações muitas vezes fortaleciam pequenos negócios informais e contratos sociais criados por essas mulheres como venda e troca de produtos e funcionava como uma forma de proteção entre elas já que as informações trocadas eram a respeito dos serviços que elas prestavam aos empregadores.

[...] vamos encontrá-las também movimentando-se em seus espaços sociais, negociando, exigindo seus direitos e construindo suas redes de solidariedades, pois os contatos sociais e a circularidade de informações geralmente eram organizados em torno de seus pequenos negócios, os quais chamavam a atenção das posturas que voltavam-se contra os mesmos por suas características clandestinas (PENHA, 2010, p.5).

As redes de solidariedades firmadas por essas mulheres ajudavam também na luta pelos seus direitos, como mencionado na citação acima, direitos esses que poderiam ser a liberdade ou até mesmo a exigência de um salário mais justo. Em relação ao trabalho doméstico, essas redes serviam como uma troca de mensagens que ajudava a identificar a conduta dos patrões em relação a essas mulheres como, por exemplo, abusos e violência e a sobre carga de trabalho.

Outra dificuldade que as mulheres negras empregadas domésticas no início do século XX era a segregação racial fortemente marcada por preconceitos raciais. Santos (2010), ressalta que a mulher branca das classes dominantes passou a se preocupar cada vez mais com os afazeres domésticos, pois, considerava-se que, as empregadas domésticas negras eram contaminadas, desleixadas, sujas ou incompetentes.

Essa representação levou as mulheres brancas a retornarem com as atividades da casa ou, caso mantivessem as empregadas utilizam de coação sobre suas atividades com a ameaça de desemprego. As questões étnicas e raciais e os valores pautados nas ideias patriarcais começam a se tornar mais vigentes à medida que o trabalho doméstico ia se afirmando dentro do mercado de trabalho.

Nesse período, também, os valores burgueses conflitavam com o patriarcalismo escravista em relação às atividades domésticas, que, apesar de “marginal ao mercado formal, o trabalho doméstico é valorizado e esquadrihado nos manuais de economia doméstica em contraposição a um comportamento feminino dentro da casa colonial interpretado como ocioso (CARVALHO, 2008, p. 241).

Toda essa análise serve como base para que o trabalho doméstico pudesse se consolidar no século XIX como uma atividade integralmente ligada a desvalorização e as

questões raciais sendo praticado em sua maioria por mulheres negras e pobres, visto como a única saída para se inserirem no mercado de trabalho e manterem a sobrevivência diária de suas famílias.

Essa situação se manteve ao longo dos próximos anos com o trabalho doméstico tendo um processo vagaroso de regulamentação que persiste até os dias de hoje, como será discutido no próximo tópico. Atualmente a categoria resiste através de constantes lutas para que os direitos das trabalhadoras domésticas sejam atendidos e reconhecidos perante o Estado e as leis trabalhistas.

4. CARACTERIZAÇÃO EMPÍRICA DO TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL

A discussão desse capítulo será a respeito dos processos de caracterização e formalização do trabalho doméstico no Brasil, através da criação de leis e códigos de posturas. As criações de leis referentes ao trabalho doméstico tiveram um papel importante e ajudaram na construção dessa atividade profissional, como um trabalho assalariado influenciando os direitos atribuídos às trabalhadoras domésticas.

Será discutido também no presente capítulo as heterogeneidades atribuídas às mulheres que trabalham como domésticas como as diferenças e semelhança entre empregadas e diaristas. E por último será feita uma reflexão em torno dos conceitos de gênero, raça e classe e como se interligam e se tornam a base do trabalho doméstico.

4.1 O processo de formalização do trabalho doméstico

O primeiro dispositivo legal para regular as diversas normas específicas para os trabalhadores domésticos no Brasil foi criado em 1886 na cidade de São Paulo com o nome de Código de Posturas do Município de São Paulo, no qual foram estabelecidas as primeiras regras para as atividades das “amas de leite” e dos “criados”. De acordo com Gomes (2014), citado por Bentivoglio (2014). O referido dispositivo definiu que:

O criado de servir, como toda pessoa de condição livre, que mediante salário convencional, tiver ou que quiser ter ocupação de moço de hotel, hospedaria ou casa de pasto, cozinheiro, copeiro, cocheiro, hortelão, ama de leite, ama-seca, engomadeira ou costureira e, em geral, a de qualquer serviço doméstico (Artigo 263, Código de Posturas do Município de São Paulo).

Esse código foi aprovado em um período de transição onde acontecia o fim da monarquia e o início da República, onde o País passava por intensas mudanças políticas e sociais. O trecho afirma que as ocupações domésticas em condição de servir devem ser contemplados como um salário convencional. Porém essa realidade se aplicava somente ao pequeno grupo de pessoas. A maioria dos homens e mulheres negras continuava exercendo essas atividades em trocas de favores, moradia e uma baixa remuneração.

No geral a formalização do trabalho doméstico no Brasil segundo Pinheiro (2012), possui uma trajetória dramática e lenta. Em 1943 a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) não incluiu essa ocupação na regulamentação dos direitos trabalhistas e o início da formalização se deu quase trinta anos depois, em 11 de dezembro de 1972, pela Lei n 5.859,

que tornou obrigatória a assinatura da carteira de trabalho, o direito a férias anuais remuneradas e o acesso a benefícios da previdência social.

Porém mudanças significativas só vieram no século XXI com a popularizada “PEC das domésticas” regido pela lei de 1972 (n.5.859) que foi alterada na Emenda Constitucional (EC) n72, de 2 de abril de 2013. A PEC foi recebida com uma imensa repercussão, pois ampliava os direitos trabalhistas dos empregados domésticos, assegurando uma jornada de trabalho de 8h horas por dia, e no máximo 44 horas semanais, e outros benefícios como: O seguro-desemprego, auxílio-doença, salário-maternidade, aposentadoria por invalidez etc. Houve também a aprovação da Lei Complementar 150/2015, onde o trabalhador doméstico passou a ter direito ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). IPEA (2012)

Segundo a IPEA (2016), antes da implementação da PEC no 72, em torno de 15% das mulheres estavam empregadas como trabalhadoras domésticas cerca de seis milhões de mulheres. Com esse resultado o trabalho doméstico no Brasil possuía os maiores índices de informalidade comparada a outras atividades. Segundo o IBGE (2014), somente 34% das mulheres possuíam registro da carteira assinado dentro de um total de quase 6,8 milhões de trabalhadoras.

Mesmo com os avanços a regulamentação do trabalho doméstico ainda continuava sendo bastante específico por se tratar de uma atividade que conjuga relações trabalhistas e relações familiares num mesmo espaço. A pessoa presta serviços de uma forma contínua com baixa finalidade lucrativa, as tarefas se concentram em uma única pessoa, que exerce múltiplas atividades, tais como cozinhar, lavar, passar, fazer faxina, além de cuidados com crianças, idosos e animais, entre outras funções.

Na maioria das vezes essas mulheres trabalham a semana toda podendo permanecer somente em uma residência ou trabalha em várias as chamadas diaristas. Segundo Melo & Fraga (2000), o emprego doméstico remunerado também tem um papel importante na absorção das mulheres de menor escolaridade e sem experiência profissional, embora a idade e a escolaridade média dos trabalhadores domésticos tenham se elevado ao longo dos últimos anos.

Todos os dados apresentados acima servem para refletir sobre a dificuldade de regulamentar os direitos trabalhistas dos empregados domésticos no Brasil; também coopera ao entendimento referente ao aumento pela procura das empregadas e diaristas ao longo dos anos; e o número gigantesco de 45, milhões de mulheres que exercem alguma atividade doméstica e continuam trabalhando na informalidade IPEA (2019), mesmo sendo obrigatória

a carteira assinada para mulheres que trabalham em apenas um local mais de três vezes na semana.

Um dos fatores que explica a demanda pelas trabalhadoras domésticas é a crescente inserção das mulheres das classes mais altas no mercado de trabalho junto com a falta de políticas públicas que impossibilita a conciliação da vida pessoal com o trabalho (SERPA, 2010). Isso gera uma busca excessiva pelas empregadas domésticas e diaristas consolidando ainda mais as divergências sociais; enquanto algumas mulheres estão ascendendo profissionalmente, outras buscam nos trabalhos mais marginalizados e desvalorizados um meio para se inserirem no mercado de trabalho atual e garantir a subsistência de suas famílias.

Outro ponto importante é a imagem de status social que a empregada doméstica representa dentro dos lares, um fato que se consolidou desde o período colonial. O papel das domésticas para as famílias mais ricas demonstra um imaginário de poder aquisitivo baseado nas relações de poder e dominação. As relações de poder existentes no espaço do trabalho doméstico se tornam um fator importante que acaba reproduzindo a subalternização das empregadas domésticas e a subordinação entre mulheres (patroas e empregadas) AVILA (2020).

Mesmo que algumas mulheres não desempenhem os afazeres domésticos no âmbito da sua residência, tais tarefas são transferidas as outras mulheres, demonstrando a complexidade dessas relações, porque, mesmo que todas as mulheres possam sofrer a opressão perante a sociedade patriarcal, ainda existe um padrão hierárquico de poder entre as mulheres a partir da classe social e da raça e da sua função laboral do seu trabalho.

4.2 Empregadas domésticas e diaristas: Diferenças de um mesmo retrato

Dentro do universo do trabalho doméstico existem inúmeras heterogeneidades. Por ser tratar de um trabalho com multitarefas, ele pode ser dividido ao longo das semanas, atendendo a disponibilidade das trabalhadoras e suas questões financeiras. As mulheres que exercem a função de domésticas podem ser inseridas em dois grupos: Temos as empregadas domésticas que desempenham o serviço doméstico remunerado em apenas um domicílio e são conhecidas também como mensalistas; e aquelas que trabalham pelo menos três dias por semana possuindo um vínculo trabalhista (TEIXEIRA, 2015).

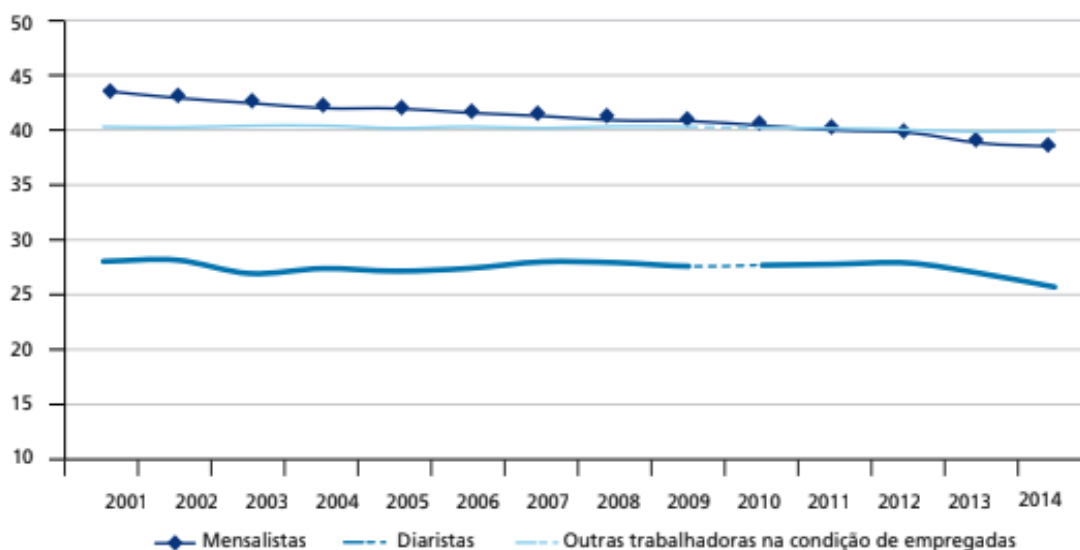
O segundo grupo são as diaristas, que trabalham em mais de um domicílio por semana ou que trabalham somente um ou dois dias apenas em um domicílio. A grande diferença

segundo Teixeira (2015), entre as empregadas domésticas e as diaristas são os direitos trabalhistas a elas concebidos. A Constituição Federal Brasileira de 1988 define que se a pessoa trabalha duas vezes na semana é considerada em situação de informalidade ou autônoma. As diaristas que trabalham em mais de um local na semana são consideradas trabalhadoras autônomas e não possuem acesso aos mesmos direitos que as empregadas domésticas perante a lei brasileira.

Isso leva as diaristas a estarem ainda mais em situação de informalidade tornando as vulneráveis constitucionalmente porque a maioria delas não possuem a carteira assinada. Para a PEC das domésticas, por exemplo, segundo Fraga (2018), somente as trabalhadoras que se encaixam no perfil de “não autônomas” e trabalham pelo menos três vezes na semana em um mesmo local, sendo oito horas por dia tem direito aos benefícios concebidos pela carteira assinada.

Essa diferenciação entre as diaristas e as empregadas domésticas causa uma série de consequências, como a variação de horas trabalhadas, a renda recebida por essas mulheres (salário) e o número de carteiras assinadas. Cabe ressaltar que os dados em relação a essa realidade muitas vezes servem como parâmetros para analisamos como funciona a rotina dessas trabalhadoras. Na figura 2, é possível observar a evolução das horas trabalhadas semanalmente das diaristas e mensalistas entre os anos 2001 e 2014. O gráfico também mostra mulheres que ocupam outras funções em condição de empregadas.

Figura 2: Brasil: Evolução da jornada de trabalho (2001-2014)



Fonte: PNADS dos anos analisados/IBGE. Obs: o IBGE não realizou o PNAD em 2010, por ser ano censitário

No gráfico acima é possível observar a diferença expressiva de horas trabalhadas entre as empregadas domésticas e as diaristas. No ano de 2001, início da pesquisa conseguimos identificar que as diaristas trabalham entre 25 a 30 horas semanais, enquanto as empregadas domésticas trabalham quase o dobro do tempo chegando a quase 45 horas de trabalho na semana. Esse fato se mantém ao longo dos anos para as diaristas apenas oscilando um pouco em certos anos; em relação às empregadas domésticas os dados apresentam uma pequena queda ao longo dos anos, isso devido aos avanços em relação à legislação que tange o trabalho doméstico.

Já nos últimos anos da pesquisa entre de 2013 e 2014 há uma queda de horas trabalhadas tanto para as empregadas domésticas como para as diaristas. Essa queda pode ter acontecido por causa de dois fatores: o primeiro referente à formalização do trabalho doméstico juntamente com a aprovação da PEC das domésticas em 2013 que determinou a obrigatoriedade da carteira assinada às empregadas domésticas regularizando as horas trabalhadas dessas mulheres; outro motivo está ligado a crise que o país enfrentou em 2014 que acarretou altos índices de desemprego e pode ter influenciado nas horas trabalhadas, principalmente das diaristas.

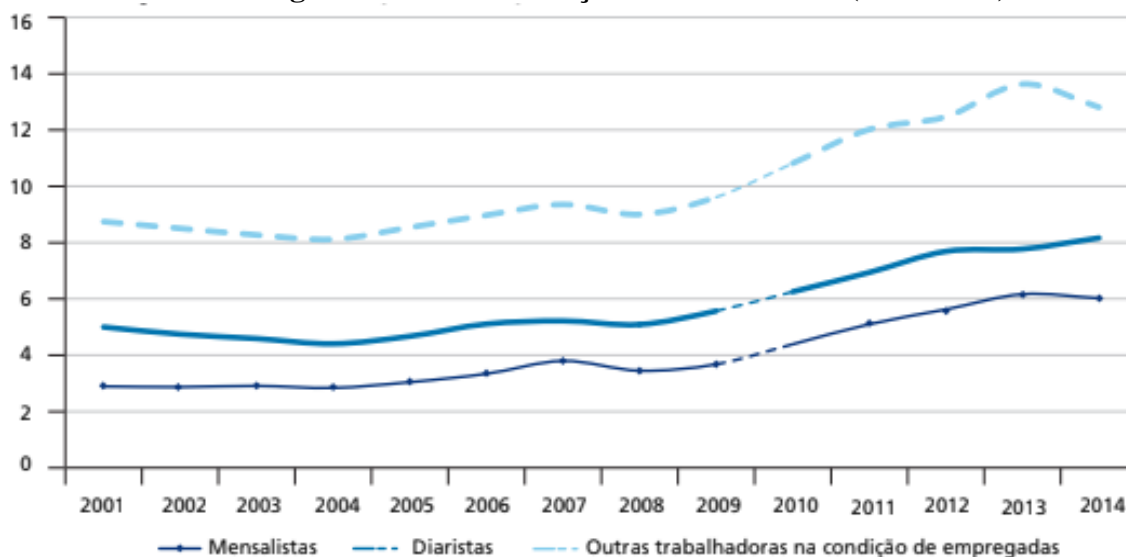
A prestação dos serviços segue uma rotina de horas, como demonstrado na figura 2 para as mulheres que trabalham como mensalistas; no caso das diaristas a lista de tarefas acompanha a necessidade diária podendo aumentar ou não. As diaristas costumam ir até duas vezes na semana adotando sempre a prática de rodízio, o que caracteriza uma menor jornada de trabalho, justamente por não haver uma obrigatoriedade como as empregadas domésticas (mensalistas).

Segundo Liberato (1999), a maioria das trabalhadoras optam pela função de diaristas, pois recebem uma renda maior e mais “imediata” apesar de serem as mais vulneráveis da categoria por trabalharem em sua maioria na informalidade e não possuírem um domicílio fixo que possa lhes garantir certa estabilidade. Já as mensalistas, que possuem uma jornada de trabalho estável apresentam uma evolução de rendimento inferior comparado às diaristas como demonstrado na figura 3.

Nesse gráfico podemos observar que as mensalistas (empregadas domésticas) recebiam um salário por hora bem inferior às diaristas e outras mulheres em condição de empregada. Isso ocorre pelo fato das diaristas não possuírem uma renda fixa podendo

acumular um maior número de empregadores na semana que variam o valor dos seus pagamentos.

Figura 3: Brasil: Evolução do salário-hora (2001-2014)



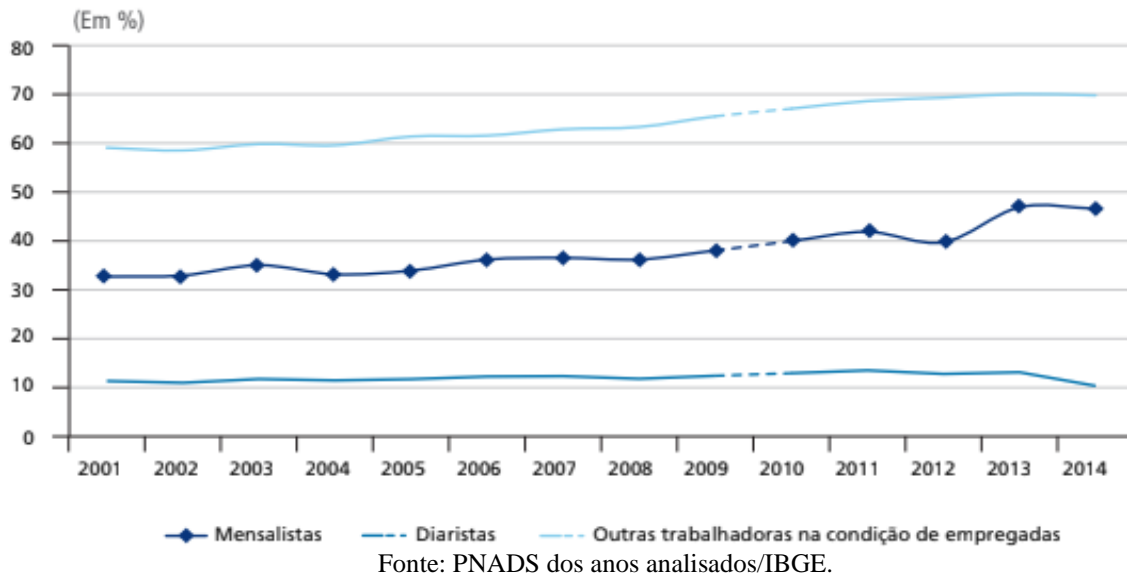
Fonte: PNADS dos anos analisados/IBGE.

Observa-se também que as três curvas se mantêm entre os anos de 2001 a 2006 oscilando um pouco entre 2007 e 2008 e subindo gradativamente no ano de 2009 para 2010. A subida da curva também está associada com a formalização do emprego doméstico e os avanços econômicos que o país teve a partir do ano de 2008 com a baixa inflação e aumentos de salários.

Outra questão significativa sobre o trabalho doméstico está relacionada à carteira de trabalho assinada. De acordo com Liberato (1999), em meados dos anos 90 as mulheres que não tinham carteira de trabalho assinada correspondiam mais da metade das trabalhadoras domésticas um contingente de cerca de 82,8% das domésticas brasileiras na época. Essa porcentagem também contabilizava as trabalhadoras mensalistas que não possuíam a carteira assinada.

No começo dos anos 2000 o quadro se mantinha bastante crítico e as dificuldades em relação a carteira assinada para essas trabalhadoras se mostrava um direito a ser conquistado. O gráfico abaixo traz uma dimensão de como a proporção de carteiras assinadas se manteve ao longos dos anos de 2001 a 2014.

Figura 4: Brasil: Proporção de carteiras de trabalho assinadas (2001-2014)



No gráfico acima podemos observar que apenas 10% das diaristas eram trabalhadoras com carteira assinada, o percentual mais baixo em relação às outras categorias. Essa porcentagem permanece ao longo dos anos e em 2013 apresenta uma queda; já as mensalistas demonstram uma margem em torno de 30% de trabalhadoras com carteira assinada nos anos iniciais da pesquisa e a curva apenas oscila de maneira estável nos próximos anos.

A mudança só acontece depois de 2013, com um aumento considerável da curva chegando a quase 50% das mensalistas com carteira assinada, essa ocorrência está diretamente ligada a aprovação da PEC das domésticas que tornou obrigatória a assinatura da carteira para as empregadas domésticas, porém nesse mesmo período vemos a curva das diaristas cair, também pelo fato da aprovação da PEC e da Legislação Brasileira em não considerar essas trabalhadoras como formais.

Outra consideração relevante é sobre as mulheres que trabalham em condição de empregadas. Essas mulheres não prestam serviços em locais residenciais ou em casas de famílias. Segundo a PNAD (2010), elas desenvolvem o serviço doméstico em empresas, comércios, locais públicos como escolas, universidades etc. Nos três gráficos essas mulheres apresentam índices melhores que as diaristas e as mensalistas.

Em relação a carteira assinada, por exemplo, as trabalhadoras em condição de empregadas apresentam uma porcentagem bem maior que as outras categorias chegando a cerca de 60% de carteiras assinadas (Figura 4). Na figura 3 em comparação com as diaristas e mensalistas, essas trabalhadoras apresentam uma evolução do salário hora bem maior e

possuem também uma estabilidade em relação as horas trabalhadas (Figura 2). Isso decorre pelo fato de que nesses locais ocorre uma fiscalização maior e mais rigorosa em relação a aplicação de leis trabalhistas diferente das casas de família onde é mais difícil monitorar.

As diferenças e os gráficos apresentados ajudam a montar um perfil da situação do trabalho doméstico no Brasil ao longo dos anos 2000. Através desses dados foi possível compreender um pouco o panorama da formalização do trabalho doméstico e a influência desses avanços da vida das trabalhadoras.

Identifica-se que mesmo essas mulheres desenvolvendo semelhantes tipos de serviços existe ainda uma enorme heterogeneidade quando falamos sobre o trabalho doméstico. Essas diferenças se tornam mais explícitas quando analisamos os dados. Observa-se também que o emprego doméstico no Brasil apresenta uma difícil trajetória de regulamentação que não abrange todas essas categorias. Porém mesmo com seus impasses é inegável que alguns momentos foram decisivos para regulamentar e trazer algumas melhorias na vida das trabalhadoras domésticas como a aprovação da PEC nº 72 no ano de 2013.

4.3 As questões de gênero, classe e raça no trabalho doméstico

As relações que permeiam a discussão desse tópico buscam analisar por que o trabalho doméstico se tornou uma atividade estritamente desenvolvida por mulheres, pobres e negras, e a importância de problematizar e relacionar os conceitos de gênero, classe e raça para a interpretação dos fatos.

A partir dos anos 1960 houve uma preocupação em delinear as causas da opressão feminina, e surgiam as primeiras reflexões sobre a mulher enquanto objeto empírico. O conceito de gênero foi o primeiro a ser questionado e traz uma série complexidades em torno de sua real aplicação.

Muitas autoras buscavam em suas obras compreender as relações desiguais que aconteciam entre o masculino e o feminino através da definição do gênero. Ainda nessa década aconteceram avanços significativos, e o gênero passa a ser elaborado e conceituado como uma construção social das identidades sexuais, abrindo caminhos para a desconstrução e desnaturalização do masculino e do feminino (CONCEIÇÃO, 2009). Porém como os movimentos feministas da época surgiram pelas ideias e concepções de mulheres brancas das classes mais altas, a discussão sobre raça e classe era deixada de lado e as mulheres que faziam parte de uma minoria social não eram representadas.

Contudo, nas décadas posteriores iam surgindo as primeiras discussões que incorporavam não somente a problemática entre o masculino e feminino, mas também questões que evidenciavam o preconceito pela raça, e a vulnerabilidade social das mulheres nas classes mais pobres.

Scott (1993), traz a perspectiva de gênero, de classe, de raça como uma categoria analítica que permite colocar os oprimidos na história, com a possibilidade de averiguar o real significado da natureza da opressão e a compreensão acadêmica de que as desigualdades, face ao poder, estão relacionadas ao menos a estes três elementos- gênero, raça e classe.

Scott (1993), compreende também que o sistema de gênero, raça e classe em sua primazia, é como, uma imensa organização social, que passa a explicar a submissão da mulher pelo homem, do negro pelo branco e dos mais ricos pelos mais pobres. Scott também pontua que as desigualdades de gênero estruturam as outras desigualdades e as reflexões em tornam se assentam nas diferenças, consideradas imutáveis e históricas.

Quando analisamos essa premissa em relação ao trabalho doméstico percebemos que ele também se torna uma categoria de análise e estudo a partir do momento que passa a abranger as problemáticas de gêneros e conseqüentemente de raça e classe. À medida que é uma atividade desenvolvida em sua maioria por mulheres, negras e pobres.

A condição social de exclusão dessas mulheres diz respeito não apenas ao fato de serem trabalhadoras domésticas, mas também à própria condição de gênero. A atribuição do lugar doméstico, seja no âmbito privado ou no âmbito do trabalho, relaciona-se à disseminação do patriarcado por todas as esferas sociais, não mais restrito à esfera pública (SAFFIOTI, 2004).

Os afazeres domésticos se tornam parte da discussão de gênero, raça e classe a partir do momento em que ele afeta o cotidiano de muitas mulheres ligadas a essas atividades. Problematicar essas questões é de imensa importância à medida a rotina do trabalho doméstico é árdua e exaustiva. Beauvoir (1949), traz uma perspectiva sobre como as atividades domésticas sobrecarregam a rotina da mulher impedindo-a de conquistar uma emancipação própria, e uma ascensão social perante o mundo.

[...]. Mas a mulher não é chamada a edificar um mundo melhor; a casa, o quarto, a roupa suja, o assoalho são coisas imutáveis: a única coisa que ela pode fazer é expulsar indefinidamente os princípios maus que nelas se introduzem: ela ataca à poeira, as manchas, a lama, a imundície; com frequência a dona de casa suporta-o com ódio.

A rotina dos afazeres domésticos é constante na vida de inúmeras mulheres, principalmente na vida das trabalhadoras domésticas que tem na atividade como seu modo de

vida e de sustento. Dia após dia deve haver um ritmo na qual as tarefas devem que ser exercidas à exaustão.

As atividades domésticas como uma obrigação feminina é um fato que as próprias mulheres reconhecem. Na fala da entrevistada abaixo podemos perceber que ela não consegue distinguir as atividades que ela faz em seu local de trabalho das obrigações impostas em sua própria casa.

Comecei a trabalhar como doméstica com vinte e quatro anos mais antes disso eu já tinha os hábitos mesmo de trabalhar como doméstica, porque fazer os serviços dentro de casa é a mesma coisa que trabalhar como doméstica, a gente que tem família, que tem filho, o serviço doméstico é diário, aquilo é pra sempre (ANA, 26 anos, Três Corações-MG).

Na fala de Ana 26, percebemos que não há diferenciação para ela das atividades feitas em casa ou no seu trabalho. Ela ainda enfatiza dizendo “aquilo é para sempre” reconhecendo que os afazeres domésticos realizados por ela, como cuidar da casa e da família é uma condição maçante e exaustiva repetida por ela dia após dia, mesmo não estando no seu local de trabalho.

A realidade de Ana é aplicada para muitas mulheres que possuem dupla jornada de trabalho. Os conteúdos demonstrados evidenciam a jornada de milhões de mulheres todos os dias e compreende que a base da população composta pelo trabalho doméstico é pautada na segregação social e racial.

No presente capítulo buscou-se compreender os procedimentos de formalização do trabalho doméstico e identificar as diversas dificuldades encontradas a partir desses processos. Procurou-se também refletir sobre a posição do trabalho doméstico como uma categoria analítica, onde suas características se definem pelos conceitos de gênero classe e raça.

5. O COTIDIANO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E A RELAÇÃO COM O LUGAR

Nesse capítulo será discutido cotidiano das trabalhadoras domésticas através da interpretação das entrevistas em profundidade. Iremos também fazer uma reflexão sobre o conceito de lugar como um produto na rotina dessas trabalhadoras, e analisar o seu dia a dia pelas vivências contadas por elas. As narrativas presentes nos tópicos demonstram a relação dessas trabalhadoras domésticas com os membros das famílias, as dificuldades que elas enfrentam na realização das tarefas, os preconceitos sofridos, a desvalorização do seu trabalho e as estratégias usadas para subverter as adversidades do dia a dia.

Por último, a discussão pretende relacionar o lugar de trabalho dessas mulheres com o intuito de interpretar as ações solidárias que se desenvolvem e se consolidam transformando o espaço do trabalho doméstico em um lugar do acontecer solidário.

5.1 O lugar como produto das relações: O cotidiano das trabalhadoras domésticas

Para interpretar os relatos de vivência e analisar o processo que o trabalho doméstico se mostra em cada local é necessário compreender primeiramente o conceito de lugar. O conceito de lugar nos estudos e análise da Geografia tem um papel fundamental e importante, pois ele permite trazer as experiências humanas para uma perspectiva local onde as relações sociais se tornam mais visíveis e palpáveis. Em um mundo cada vez mais global é necessário estudar o lugar, pois através dele percebemos que as coisas da vida, as vivências, e as relações se concretizam em lugares específicos (CALLAI, 2000).

Milton Santos em sua obra “A Natureza do Espaço” 1996, conceitua o Lugar de forma resumida como um intermédio entre o Mundo e o Indivíduo. Isso se daria a partir de um dinamismo entre as relações globais e locais em um mundo acumulativo onde as necessidades e ações se dissociam em processos e subprocessos que causam uma individualização dos elementos sobre o espaço, fazendo com que os indivíduos, as instituições, o meio ambiente se aprofunda na sua relação com o mundo.

[...] a uma necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados. Uma possibilidade nos é dada através da consideração do cotidiano. Esta categoria da existência presta-se a um tratamento geográfico do mundo vivido que leve em conta as variáveis de que nós estamos ocupando neste livro: os objetos, as ações, a técnica, o tempo. (SANTOS, 1996, p. 315)

Mesmo o mundo sendo global com vários processos ocorrendo em grandes escalas, o local é importante, pois acontece nele os subprocessos que determinam o global, e esses subprocessos acontecem em inúmeros lugares de diferentes maneiras. Santos (1996), ainda pontua “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Mais também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo torna se exponencialmente diferente dos demais. A maior globalidade corresponde a uma menor individualidade”.

A importância do conceito de lugar para estudar o local enfatiza a individualização das pessoas, as situações e o cotidiano. O que pode ser demonstrado na rotina do trabalho doméstico. O lugar constituído pelas trabalhadoras domésticas revela as condições de exploração, as diferenças de gênero, raça e classe, mas também revela a constituição de resistências dessas mulheres. Santos (1996), ainda evidencia que o lugar é a referência pragmática do que ocorre no mundo:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criada de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática do mundo, do qual lhe vem solicitações e ordens precisas de ações condicionadas mais é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS,1996, p.322)

Outra forma de discorrer sobre o lugar, é aquela posta por Santos (1994), sobre que o interpreta o espaço do acontecer solidário entre a forma mais clara de explicar o todo na parte e a parte no todo. As concepções das densidades dos lugares trazem outro elemento importante de análise do lugar e do mundo, as solidariedades orgânica, organizacional e institucional. Relaciona-se, assim, a solidariedade orgânica a uma ordem local, com base numa interação estabelecida pelos objetos contíguos de um subespaço.

Na rotina do trabalho doméstico as solidariedades orgânicas são demonstradas através das ações compartilhadas entre as mulheres, observamos por meio dos relatos que a uma rede de apoio e assistência entre elas o que evidencia a existência de solidariedades orgânicas dentro do trabalho doméstico.

Podemos perceber essa dialética através dos relatos das trabalhadoras domésticas que demonstram como a realidade vivenciada em cada lugar demonstra a rotina e evidencia o trabalho doméstico como uma atividade de lugares específicos. Mesmo o trabalho de forma geral sendo um processo pautado no mundo em uma escala global, ele se subdivide em

inúmeras categorias que se manifestam em diversos lugares e são esses lugares que serão debatidos no presente trabalho, o lugar das trabalhadoras domésticas.

O lugar vivenciado no cotidiano do trabalho doméstico começa, em sua maioria, com a criação de cronogramas que organiza as obrigações diárias, pautadas em demandas exigidas pelas patroas em relação às necessidades do lugar. Cada lugar de trabalho dessas mulheres contém afazeres específicos como lavar, passar, limpar, cozinhar etc. Por meio da realização dessas atividades as mulheres criam e recriam suas ações na organização espaço-tempo.

Minha rotina é assim, tem as roupas para lavar que é na quarta e na sexta que eu lavo roupa, depois dou uma limpadinha pra dentro da casa, faxina pesada mesmo eu dou mais é na segunda e na sexta e o resto da semana é só manter limpo (ALICE, 52 anos, Alfenas-MG)

Uma vez na semana tinha que dar faxina que era lavar os banheiros bem caprichados tinha uma casa que eu trabalhei que tinha três banheiros e eu ficava pensando pra que tudo aquilo aí tinha que lavar tudo bem direitinho os três, lavar a janelas deixar eles um brinco (RUTE, 36 anos, Alfenas-MG).

Geralmente na sexta é dia de faxina durante a semana a gente vai mantendo mais na sexta é dia faxinar tudo pro fim de semana aí as casas sempre têm os dias da faxina pesada que é algum de limpar até as paredes geralmente é uma vez por mês aí tem que tirar tudo de dentro dos armários, guarda-roupa, aí é lavar as janelas, lavar porta essas coisas eu fazia de forma tranquila (ROSA, 45 anos, Três Corações- MG).

Pelos relatos identificamos que há um dia específico para faxinar a casa e realizar determinadas atividades. Cada trabalhadora tem uma relação diferente com o espaço-tempo, o que se manifesta na execução de tarefas e o modo como são feitas. Alice fala sobre os dias que ela tem que lavar a roupa, e os dias que ela realiza as faxinas. Rute já conta como é a sua experiência com a lavagem de banheiros em uma casa onde ela trabalhou e as exigências feitas Rute comenta que na sexta geralmente ela faxina a casa para deixar tudo limpo para o fim de semana; e que uma vez no mês ela faz uma limpeza específica limpando armários, guarda-roupas e partes externas da casa.

Podemos perceber também que as atividades desenvolvidas são parecidas o que enfatiza uma conexão dos lugares. Cada mulher possui suas experiências de forma individualizada, e fazem parte de um processo em que as relações que elas vivem evidenciam as ações de cada lugar e cada local.

Identificamos também nos relatos que à medida que a relação de algumas mulheres se identifica com os membros da casa e suas patroas/patrões elas mesmas começam a determinar suas próprias rotinas, o que lhes garante uma certa autonomia na realização dos afazeres que devem ser cumpridos.

Eu trabalho lá com um cronograma tem gente que faz tudo num dia só, mas eu não. Eu chego lá as sete horas, aí eu tomo café e vou começar a trabalhar por volta do dez horas eu tenho o meu horário eu tenho a minha rotina. Mais no começo não era assim não, no começo eu tinha que seguir regras, aí depois que eu fui me adaptando com o serviço eu fui fazendo as minhas regras. (ANA, 26 anos, Três Corações-MG).

Na fala de Ana identificamos que ela demonstra certa autonomia em relação ao trabalho realizando; realiza as atividades ao seu modo. Quando ela se refere “as minhas regras” demonstra que as atividades são feitas do seu jeito e mesmo que ela tenha que cumprir com o cronograma, Ana, se opõe ao modo como tem que ser feito ou exigem dela, fazendo do seu jeito, e criando sua própria rotina. De certa forma a atitude de Ana lhe dá garante autonomia em relação a forma como ela trabalha. Porém ela ainda continua exercendo as funções que são predestinadas a ela, funções essas que devem ser cumpridas em um determinado prazo imposto pelos seus patrões, ou seja, Ana ainda convive com obrigações diárias.

Contudo, as rotinas determinadas são válidas para as mulheres que trabalham em apenas uma residência o que configura apenas um lugar de trabalho, tornando o específico. Para as diaristas que vivem um dia a dia trabalhando em várias residências e possui uma rotina instável esse modo de vivenciar o lugar acaba sendo diferente, pois, elas participam de múltiplas rotinas.

Geralmente eu trabalho em duas casas por dia, uma é fixa a que eu vou todos os dias de manhã, é onde eu lavo, passo e cozinho, aí de tarde já é outra casa, cada dia é uma casa diferente, onde faço só faxina, essa faxina eu dou uma limpeza mais geral como lavar os banheiros, esfregar chão, lavar as janelas, é mais pesado. (ALICE, 52 anos, Alfenas-MG)

No depoimento de Alice identifica-se que ela possui uma rotina duplicada exercendo seu trabalho como doméstica em casas diferentes, tendo fidelidade apenas em um lugar. Alice ainda comenta a diferença do trabalho feito na casa onde é doméstica e nas casas onde ela só realiza a faxina como diarista. Essa diferença está presente na sobre carga de trabalho é caracterizada pela rotina de revezamento que as diaristas adotam em trabalhar em muitas casas, onde a maioria precisa realizar todos os serviços domésticos em apenas um dia; diferente das empregadas domésticas onde o processo de dividir as tarefas ao longo dos dias se torna mais fácil, pois, são executados em uma única casa. Isso se comprova no depoimento de Alice, onde ela enfatiza dizendo que as faxinas nas residências alternadas configuram as atividades mais pesadas.

No cotidiano do trabalho doméstico vemos também as dificuldades que as tarefas exercem das trabalhadoras. Uma das maiores adversidades enfrentada pelas mulheres é a realização de múltiplas tarefas e a sobrecarga de trabalho. Na maioria das vezes as mulheres não executam apenas a limpeza do lugar, elas ficam responsáveis também por outros serviços, como cuidar de crianças, fazer compras e até mesmo ir ao banco como mostra a narrativa de Rute.

Roupa eu passo uma vez na semana, aí cozinhar eu cozinho todos os dias, eu faço tudo, eu lavo, eu passo, eu cozinho, eu estudo com a criança, eu faço dever, eu vou na rua, no mercado, eu faço serviço de banco, eu acho que não me considero só doméstica eu faço tudo. (RUTE, 36 anos, Alfenas-MG)

Todo esse processo faz parte da totalidade das vivências reconhecidas em cada lugar. No caso do trabalho doméstico essas atividades extras sobrecarregam a rotinas dessas mulheres, causando exaustão e prologando o tempo delas no serviço. Outras dificuldades enfrentadas no local de trabalho são os preconceitos, a desumanização, e desvalorização dos serviços prestados.

Eu ia pra casa da patroa lavar roupa, aí quando eu terminava me molhava toda e já ia arrumar almoço, eu só ia tomar banho quando chegasse em casa, não tinha nem horário para almoçar, eu ficava o dia todo molhada, não tinha o que fazer (TERESA, 60 anos, Alfenas-MG)

No relato da Teresa podemos ter uma pequena dimensão de como é difícil e complexo as relações e situações no cotidiano do trabalho doméstico. Em sua fala ela conta um episódio onde passou dia todo com a vestimenta do corpo molhada depois de lavar a roupa e teve que prosseguir nessas condições. Essa triste realidade descrita pela Teresa demonstra como o lugar apresenta suas adversidades. Em relação ao trabalho doméstico há uma série de relações que evidenciam a subalternização da realidade diária dessa atividade profissional e a desumanização dessas mulheres.

A sobrecarga de trabalho é uma realidade presente na rotina dessas mulheres. Os afazeres muitas vezes excedem a carga de horas trabalhadas e elas se desdobram para conseguir realizar todas as atividades dentro do tempo de oito horas e as vezes não conseguem.

A gente que trabalha como doméstica não tem aquela coisa de fazer horário de almoço de sentar de almoçar de fazer uma hora de almoço não tem, eu mesmo almoço por volta de uma hora, mas eu vou almoçando e limpando cozinha, é limpar os armários, lavar o chão da cozinha, lavar a louça se eu parar pra sentar e almoçar que horas eu vou sair de lá? Cinco, seis, sete horas da noite? Atrasa a minha vida, atrasa tudo. Enquanto eles estão almoçando na mesa eu vou arrumando as coisas em volta, porque quando eles terminam eu vou almoçar com a metade da cozinha limpa. (ANA, 26 anos, Três Corações-MG)

Na descrição acima acompanhamos a jornada de Ana que abandona o seu horário de almoço para conseguir realizar todos os serviços da casa. Ana ainda expõe o fato de ter que almoçar e limpar ao mesmo tempo, porque, segundo ela, isso poupa o tempo que ela gastaria se sentasse e almoçasse junto com os seus patrões, o que ocasionaria uma saída mais tardia do trabalho.

Em relação à sobre carga de trabalho acompanhamos outras narrativas sobre o fato como demonstrado abaixo. Maria em sua fala conta que as vezes não dava conta de fazer tudo e deixa claro a desvalorização que sofria e a sua vontade de abandonar tudo e voltar para casa.

As tarefas eram muitas; e eu tinha que dar conta. Tinha vezes que eu deixava tudo arrumadinho e chegava no sábado eu ia trabalhar também, chegava na segunda tinha que começar tudo de novo. A gente não tinha valorização.; eles não valorizavam a gente; eu chegava e pensava da vontade de voltar para atrás; era tudo a mesma coisa. Daí para a pior, eu não tinha valorização, eles não estavam nem aí, queria que fizesse as tarefas e pronto acabou (MARIA, 50 anos, Três Corações-MG)

No desabafo de Maria compreendemos um pouco da rotina repetitiva e exaustiva do trabalho doméstico e da desvalorização vivida e sentida por ela. Em seu ponto de vista, Maria não tinha o devido reconhecimento pelo seu árduo trabalho em manter a casa organizada todos os dias da semana, algo cansativo e expressado por ela com a vontade pertinente de querer ir embora, algo que com certeza ela não fez por depender financeiramente desse trabalho.

Maria termina sua fala dizendo algum bastante reflexivo enfatizando que para seus patrões a real importância são apenas as tarefas que serão executadas por ela e “acabou” como se não tivesse espaço para se criar uma relação ou um diálogo entre eles. Demonstrando assim a desumanização que ela sofre ao ser considerada apenas pelo seu trabalho.

5.2 “Quase da família” A complexa relação entre patroas e trabalhadoras domésticas

A relação de patroas e trabalhadoras domésticas sempre foi de uma convivência polêmica pautada em controvérsias significativas tanto para as patroas como para as trabalhadoras domésticas. Por ser tratar de um espaço familiar na maioria das vezes às trabalhadoras criam relações próximas com os moradores das residências onde trabalham; essas relações podem ser duradoras definidas por amor ou ódio.

Era cada um para o lado eu não tinha muita convivência, porque a gente que é doméstica na época não era valorizada eles não ligavam muito para a gente. Entrava cedo saía de tarde e só conversava o que era necessário tinha dias que nem conversava (MARIA, 50 anos, Três Corações-MG).

Eu trabalhei em uma casa que essa minha patroa era como se fosse uma segunda mãe para mim, me deu muito apoio, conselho. Quando eu engravidei, ela me acolheu na casa dela, o marido dela também conhecia muito meus pais. Então eles cuidaram de mim e eu fui cuidar da casa (MARIA, 50, anos, Três Corações).

Nos depoimentos de Maria podemos identificar diferentes vivências em um mesmo lugar, com experiências foram distintas em cada um desses lugares. Na primeira fala, ela diz que não se relacionava de forma amigável com a sua patroa tendo uma aproximação restrita e sem muita convivência. Para Maria a convivência era mínima por parte da patroa devido a sua condição de doméstica.

Contudo, Maria também nos conta outra experiência, na qual, considerava sua patroa como uma segunda mãe porque ela a acolheu em um momento difícil de sua vida. Maria então passou a morar em sua casa e em troca do acolhimento realizava os cuidados do lugar, como uma forma de pagamento pela ajuda que estava recebendo.

Na segunda situação vemos que Maria se sente da família como se fosse uma filha, porém, ainda tem que manter suas obrigações de domésticas como forma de recompensar a ajuda que estava recebendo. Ao mesmo tempo percebemos que as relações vivenciadas no espaço do trabalho doméstico são contraditórias, definidas pelas trocas de favores entre as patroas e a trabalhadora domésticas.

Observa-se que as demandas que as trabalhadoras domésticas mantêm de relacionamento com a patroa sugerem uma relação filial: a patroa é considerada uma segunda mãe, uma protetora, uma madrinha (CAMARGO, 2009). Elas estabelecem no trabalho uma relação de pertencimento que está presente simbolicamente nas relações. O afeto não é algo negativo, mas é algo que também afasta as possibilidades de cobrança de direitos trabalhistas para essas mulheres.

As trabalhadoras domésticas também vivem seus dias de altos e baixos assim como outras atividades profissionais. Nas narrativas abaixo temos relatos de experiência vividas por Rute, que trabalha em uma casa de família a quase dois anos e descreve como é a sua relação com os membros da família e principalmente com sua patroa.

Tem dias bons e tem dias ruins; não é um mar de flores, a mesma coisa de quando estamos dentro da casa da gente tem dias que são excelentes mais tem dias que são difíceis mais assim tem dia que ela está estressada, tem dias que eu estou estressada,

e a gente nem conversa só o necessário, como as coisas da casa o que precisa ser feito e o que não precisa. Mas tem dias que é só brincadeira e eles tratam a gente como se fosse da família mesmo (RUTE, 36 anos, Alfenas-MG).

Nos relatos de Rute ela compara a relação que vive no seu local de trabalho com sua própria família dizendo que tem dias excelentes e tem dias difíceis. Ela até menciona que nos dias difíceis elas trocam apenas conversas necessárias referentes aos afazeres da casa, porém tem dias que eles a tratam como se fosse da família. Essa última fala de Rute é bastante significativa porque ressalta o modo como muitas vezes essas mulheres são tratadas, o significado implícito da frase “como se fosse da família” demonstra uma realidade controversa, por mais que Ana se sinta assim, ela não faz parte da família. Esse sentimento de Ana está atrelado ao fato dela trabalhar em um lugar familiar, e tem relações familiares parecidos com os vividos em sua própria casa.

As situações relatadas demonstram que as trabalhadoras domésticas apenas habitavam a casa dos patrões para lhes servirem, vivendo em um ambiente que não invocava pertencimento. No entanto, em alguns momentos, é significativo o sentido da expressão “quase da família” citada muitas vezes pelas patroas em relação às trabalhadoras domésticas e vice-versa

Na próxima fala Ana relata uma experiência em que sua patroa passou um dia com ela enquanto arrumavam o guarda-roupa.

Uma vez fomos fazer uma faxina no guarda-roupa foi o momento de nós duas e foi o momento que ela percebeu como que é a vida de doméstica, porque a vida dela era chegar almoçar, deitar e dormir porque ela não ia trabalhar depois do almoço então ela levava uma vida fácil, chegando em casa o almoço já estava pronto, porque eu já fazia. Aí no dia que fizemos essa faxina no guarda-roupa dela, ela me falou que ficou muito cansada, aí eu disse pra ela, que se ela estava cansada em um dia de faxina imagina eu que era todos os dias, aí eu questionei pra ela o valor do salário-mínimo que é pouco pra doméstica, aí ela falou que era a lei (ANA, 26 anos, Três Corações-MG)

A conversa que Ana descreve entre ela e sua patroa é um diálogo interessante sobre os papéis desempenhados entre patroa e trabalhadora doméstica. Na situação descrita a patroa se viu no lugar de Ana porque passou um dia inteiro com ela arrumando o guarda-roupa. Ana ainda comenta o seu descontentamento em relação ao salário que recebe questionando então a sua patroa, e ouviu a simples resposta “é a lei”. A atitude de Ana também reafirma o espaço do trabalho doméstico como um lugar de reedificação e de conflitos.

Essa relação patroa-doméstica também é marcada por inúmeros momentos

discriminatórios praticados pelas patroas. Um dos fatos que mais representa essa realidade é o conhecido quarto da empregada. Tivemos alguns relatos que mostra o quanto a inserção desse cômodo é problemática, pois segrega a trabalhadora doméstica dentro do seu próprio espaço de trabalho, limitando seu acesso de ir e vim dentro da casa.

Tinha o quartinho da empregada que era lá embaixo nos fundos e eu dormia lá aí quando era sete horas da manhã eles tocavam a campainha, tinha campainha no quarto para a gente acordar (ROSA, 45 anos, Três Corações-MG).

Se você mora na sua casa, você tem horário pra sair e pra chegar, se você mora onde você trabalha você praticamente trabalha 24h praticamente, não, é muito ruim, é tipo assim se a patroa levantar 5h30 pra ir ao banheiro, você acha que já levantou aí você vai e levanta junto (ALICE, 52 anos, Alfenas-MG).

Nas narrativas de Rosa ela fala um pouco sobre o “quartinho da empregada” que ficava nos fundos da casa. A localização do quarto nos fundos é representativa e demonstra as questões divisórias dentro do espaço do trabalho doméstico. Em uma situação dessas os lugares se tornam mais delimitados e isola a trabalhadora doméstica, trazendo uma analogia direta com a escravidão.

O quarto de empregadas, cômodo normalmente contíguo à área de serviço e projetado para permitir que a doméstica more onde trabalha, traz consigo particularidades na forma destas mulheres subsistirem enquanto trabalhadoras urbanas. Como discutido mais adiante, da mesma forma que existe uma correlação entre o trabalho escravo das mucamas e o trabalho assalariado das domésticas, pode-se estabelecer um paralelo histórico entre a senzala e o quarto de empregadas (BRANDÃO, 2019, p.105).

Na citação acima Brandão (2019), nos traz uma reflexão sobre a projeção do quarto da empregada e seu histórico discriminatório com origens escravistas que prendem as mulheres a uma rotina cansativa de trabalho, como demonstra o relato de Alice, que narra sua trajetória dizendo a sobrecarga excessiva que sofria quando morava na residência em que trabalhava.

O preconceito também se mostra de maneira explícita nessas relações, a trabalhadora doméstica é tratada com desprezo em inúmeras ocasiões do cotidiano. Em alguns relatos percebemos que as trabalhadoras domésticas são orientadas a não fazer certas coisas que desagradem suas patroas, são excluídas de eventos que ocorrem na casa, menosprezadas pelas suas características físicas.

A minha mão era cheia de verruga, e quando eu ia lavar as coisas essas verrugas ficavam brancas, e eu recordo que essa patroa minha pediu pra fazer a janta e me ensinou a colocar a mesa, deixamos tudo organizado, aí ela me falo agora você fica lá no quartinho e depois que as visitas jantarem eu chamo você pra comer, mas dava pra notar que ela estava com nojo da minha mão, eu recordo que eu entrei pro quarto e chorei muito (ALICE, 52 anos, Alfenas-MG).

O relato acima é bastante impactante, pois, demonstra o preconceito vivenciado, em seu estado mais perverso. O episódio que Alice viveu se baseia em relações abusivas que subalterna a mulher doméstica e a desumaniza, remetendo a um estado de mais pura dominação, expondo as fragilidades dessa mulher enquanto ser humano. Uma realidade infelizmente ainda comum na vida de algumas mulheres.

5.3 A criação das redes de solidariedade como forma de resistência: E as expectativas das trabalhadoras domésticas sobre o futuro

No decorrer das entrevistas percebemos que as trabalhadoras domésticas desenvolvem uma forte rede de solidariedade entre elas. Essas relações solidárias praticadas por elas dão significado a constituição de lugares onde se pratica o trabalho doméstico. Para Santos (2006), o espaço do acontecer solidário, é o lugar em que as pessoas buscam os mesmos ideais e fortalecem a coletividade, sobretudo a relação direta do lugar com o mundo. Exatamente o que ocorre com as ações praticadas pelas trabalhadoras domésticas que fortalecem a realização das atividades diárias, até indicações de emprego para aquelas que se encontram desempregadas. Todas essas ações se desenvolvem na constituição de lugares atribuídos a essas mulheres, e servem como meios de sobrevivência e de resistência dentro do universo do trabalho doméstico.

As vezes quando eu estou na dúvida eu ligo para uma amiga minha porque ela tem mais tempo de serviço e ela trabalha para os pais do meu patrão, e ela sabe as coisas que ele gosta, e do que ele não gosta. Essa moça que trabalha lá criou ele, então as vezes quando eu faço alguma coisa que ele não gostou ou não comeu uma carne, por exemplo, porque ficou dura, eu ligo para ela e ela me passa as dicas (RUTE, 26 anos, Alfenas-MG)

O exemplo que Rute traz em sua narrativa está presente em diversos outros relatos demonstrando que é recorrente a troca de informações entre elas, consolidando a rede e fortalecendo as informações o que ajuda e mantém o cotidiano do trabalho doméstico. Santos (1996), explica a importância das informações compartilhadas no lugar através das técnicas informacionais e comunicacionais que tornam os lugares seletivos e particularizados. Os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, cuja fusão os caracteriza e distingue (SANTOS, 1994).

As relações solidárias presentes nos lugares do trabalho doméstico demonstram uma realidade pautada em ações filantrópicas praticadas pelas mulheres como uma forma de resistir as situações adversas do lugar, ao mesmo tempo transforma esse lugar como um espaço do acontecer solidário. O lugar do trabalho doméstico visto como uma instituição política, onde se desenvolve atividades profissionais e sociais e vários tipos de relações, diversas e adversas, pode ser usado também como um local de resistência através do acontecer solidário exercido por essas mulheres.

As ações vão se desenvolvendo e impõe um marco importante na vida dessas mulheres, garantido não somente a sobrevivência delas própria, mais também de mulheres próximas a elas, como no relato de Rute. Isso demonstra que os lugares são constituídos de ações humanas que garante a dinâmica das relações presentes nos lugares, o que só é possível com a existência de pessoas e de solidariedades, somente daí podemos defender o lugar como espaço do acontecer solidário. Esses lugares são singulares, mesmo que também sejam globais

Tem casa que eu coloquei cunhada minha ou colega minha. Elas ligam para mim, para tirar dúvida das casas onde eu já trabalhei, perguntando que dia que eu limpo isso, que dia eu faço aquilo. A gente partilha muitas coisas, uma ajuda a outra, a gente troca dicas de produtos de limpeza, o que é melhor para limpar o fogão a pia e até os lugares onde vende mais barato (TERESA, 60 anos, Alfenas-MG).

Percebemos pela experiência trocada por Teresa o quão consolidadas são as relações solidárias partilhadas por essas mulheres e como a troca de informações é importante na manutenção dos seus afazeres. Quando Teresa menciona que já indicou pessoas próximas a ela para trabalhar como doméstica ela abre oportunidade para que outras mulheres também se inserem na constituição de lugares formadas pelo trabalho doméstico, e assim elas vão aumentando essa rede. Fica claro no uso da expressão “uma ajuda a outra” o quanto é fortemente delimitado essa relação de apoio múltiplo que elas exercem uma pela outra.

Outro fato que marca o espaço do acontecer solidário nos lugares do trabalho doméstico é a percepção que as trabalhadoras domésticas apresentam sobre as situações adversas presenciadas por elas.

Teve um dia que eu achei um absurdo, mais um absurdo mesmo, foi quando eu fui em uma outra casa a mando da minha patroa pegar uma encomenda. E uma amiga minha trabalha nessa casa. Foi então que eu presenciei uma cena horrível onde a patroa dela estava com uma calça preta e pediu pra ela pegar um pano e passar na calça pra tirar os pelos, só que ela teve que ficar ajoelhada no chão enquanto limpava a roupas da madame, ela teve que ficar de joelhos no chão, foi um absurdo

eu nunca faria uma coisa dessas. Depois eu liguei para essa amiga minha e disse que isso estava errado (ROSA, 45 anos, Três Corações-MG).

No relato de Rosa percebemos a sua imensa indignação pela forma como sua amiga foi tratada diante dela, e como resultado vemos a ação de Rosa em entrar em contato como uma forma de aconselhá-la e demonstrar a sua indignação. A ação de solidariedade de Rosa em perceber a situação ofensiva que foi posta a sua colega e alertá-la em relação a isso demonstra uma forma de resistir dessas mulheres, enfatizando a importância da criação das redes de solidariedades, onde elas se aconselhem, trocam experiências, planejam suas rotinas, reivindicam seus direitos e se questionam sobre as situações adversas que vivem.

Nos espaços solidários também são compartilhadas as expectativas das trabalhadoras domésticas sobre seus sonhos e narrativas a respeito do futuro. O trabalho doméstico se mostra na maioria das vezes como a única saída que essas mulheres encontram para manter a sua sobrevivência diária de suas famílias, a maioria das mulheres entrevistadas são as próprias chefes de família, e o trabalho doméstico se mostra apenas como a porta de entrada. Observamos o relato de Ana:

Só estou trabalhando como doméstica porque eu preciso trabalhar, eu tenho essa necessidade de trabalhar, e foi o emprego que apareceu para mim então eu não posso desperdiçar a oportunidade que apareceu para mim, porque emprego não está aí aparecendo na porta da gente todos os dias. Então temos que agarrar com todas as forças. E foi o que apareceu pra mim no momento, um salário, carteira registrada, mais esse tempo que eu estou trabalhando nessa casa eu fui fazendo cursos, vendo outras coisas, porque isso não é algo que eu quero, eu não quero trabalhar como doméstica o resto da minha vida, não é uma profissão muito bem vista sabe? (ANA, 26 anos, Três Corações).

Ana nos traz uma visão objetiva sobre o que ela espera para o seu futuro e enfatiza dizendo que não quer trabalhar como doméstica para o resto de sua vida, e que sua condição está ligada às oportunidades que surgiram para ela nesse momento de sua vida. Essa fala de Ana é bastante significativa, pois, demonstra a verdadeira face do trabalho doméstico e como ele se apresenta para muitas mulheres como o único meio de inserção no mercado de trabalho, e auxilia na subsistência e na manutenção econômica de suas famílias.

O relato de Ana também nos traz a sua busca para se adaptar as exigências implantadas pelo mercado de trabalho, como fazer cursos para melhorar a sua capacitação profissional e conseguir em um determinado prazo outro emprego com mais prestígio social, porque segunda ela, ser doméstica não é uma ocupação bem vista. Essa última fala de Ana é bastante expressiva e demonstra toda a realidade discriminatória e marginalizada que o

trabalho doméstico é percebido pela sociedade e pelas próprias trabalhadoras domésticas que compreende e questionem a sua própria realidade buscando melhorias futuras

Em sequência temos outro relato a respeito de questões futuras das entrevistadas. Na narrativa analisamos uma visão diferente da realidade colocada por Ana. No relato de Rosa identificamos uma mulher mais velha que possui outra perspectiva em relação ao seu futuro e ao trabalho doméstico.

Quando me eu formei e tirei meu segundo grau minha vontade era fazer psicologia mais meus pais não tinham dinheiro pra pagar a faculdade e eu não tinha dinheiro, então eu tive que ir pelo caminho que escolheram pra mim me casar e depois ir fazer as faxinas que foi o que apareceu no momento, mais eu ainda sonho em fazer psicologia e não me sinto frustrada por não ser formada apesar de tudo eu faço algo que me ajuda e não sou infeliz por isso (ROSA, 45 anos, Três Corações-MG).

Rosa ao contrário de Ana nos traz uma visão otimista em relação a sua experiência como trabalhadora doméstica, dizendo que não se sente frustrada com a profissão, apesar de querer ter cursando psicologia e não conseguido por questões financeiras. Rosa apresenta em sua fala outro discurso demonstrando as diversas realidades que se baseiam o trabalho doméstico e suas inúmeras versões.

O trabalho doméstico como o lugar do acontecer solidário e das relações compartilhadas por essas mulheres nos mostra diversas relações vivenciadas em um cotidiano marcado por conflitos, por ações de troca, pelo convívio familiar das trabalhadoras com os membros da casa, e acima de tudo pela resistência demonstrada em forma de redes de solidariedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com a presente pesquisa compreender a rotina do trabalho doméstico por meio dos relatos e da importância de relacioná-los e interpretá-los como vivências do cotidiano que se concretizam no lugar, pois, no lugar que vemos as dificuldades da vida em comum e conseguimos problematizar questões como o preconceito e a desvalorização sofrida pelas trabalhadoras domésticas. A realidade dessas mulheres interpretada através de seus relatos é semelhante a que milhares de mulheres no Brasil que trabalham como domésticas ou diaristas vivenciam. Uma rotina difícil baseada em relações exploratórias e atividades que ultrapassam os limites do seu trabalho.

A desvalorização do trabalho doméstico renumerado no Brasil vai muito além das questões salariais e dos direitos que essas trabalhadoras deveriam dispor, está ligada a uma dialética pessoal e construtiva marcada por uma sociedade de exclusão que discrimina e segrega mulheres negras e pobre, onde os afazeres domésticos são definidos pela divisão sexual do trabalho e o trabalho doméstico é visto como a única saída para milhares de mulheres, por questões de vulnerabilidade econômica e social.

Todas essas ações demonstram a complexidade das relações desta atividade profissional que se desenvolve no ambiente privado, nas relações de poder entre as mulheres (paternalismo) nos laços de dependência, na falta de comprometimento por parte dos patrões em relação à regularização da carteira assinada, a obrigação de fazer serviços extras para amigos e parentes dos patrões, à relação pessoal que se estabelece entre trabalhadoras e patrões, confundindo relações de maternalismo (a patroa está fazendo um favor) com relações de trabalho que implicam na falta de garantia de direitos.

Deduz-se também que o trabalho doméstico é visto pelo sistema capitalista como uma atividade que não gera produtos ou serviços diretamente para o mercado, mas reproduz e mantém a força de trabalho que será vendida. (SANCHES 2009). Essas características influenciam em como a atividade é aceita no mundo trabalho e determina muitas causas da sua desvalorização.

Outra questão debatida foram os lugares das trabalhadoras domésticas, a partir do ponto de vista delas próprias, tendo como foco as relações solidárias que são exercidas por elas e que tornam o espaço um lugar do acontecer solidário e de pertencimento. Ouvir essas mulheres foi a forma mais adequada de se compreender os vínculos que estabelecem ou não com os lugares em que vivem suas experiências.

Observamos na trajetória de vida dessas mulheres uma forte identificação e sentimento de pertencimento e cuidado em relação ao lugar da casa em que trabalham. Como tudo funciona seguido por uma rotina intensa de afazeres, muitas vezes definidos pelas patroas mais também com imposição das próprias trabalhadoras.

Analisamos também como a relação entre patroas e as trabalhadoras domésticas é conflituosa; as atitudes das patroas tendem a ser pouco profissionais, fraudando a concessão de direitos, substituindo a renda mensal por doações extrassalariais, empregando horas que ultrapassam a carga normativa. Mais também em alguns casos passa a ser uma relação de sentimentos demonstradas através do pertencimento da trabalhadora doméstica com o lugar. A construção de identidades em uma dinâmica negativamente construída e relacionada pelas patroas é fruto da própria falta de reconhecimento social da atividade

Nesse sentido, o que se destaca nos resultados é a recorrente negação da condição de trabalhadora doméstica e do pertencimento ao lugar de trabalho, principalmente pelas patroas com a expressão usada “quase da família. O sentimento expressado pela frase se refere a uma pessoa que convive no círculo familiar e cuida diariamente dos afazeres da casa, mas não pertence totalmente a família, a trabalhadora doméstica apenas convive e se relaciona com os membros da casa no período que está trabalhando, não pertencendo totalmente ao meio familiar daquelas pessoas.

Outra contribuição do trabalho é a percepção do lugar como o espaço do acontecer solidário no cotidiano do trabalho doméstico, às mútuas influências e as relações solidárias compartilhadas que reforçam a caracterização do lugar como transcendente ao aspecto físico e geográfico.

Consideramos como limitação do estudo a não interpretação de todos os assuntos abordados pelas mulheres o que poderá ser debatido em trabalhos futuros; outra questão foi a não imersão total nos lugares e nas experiências vivenciadas por essas mulheres, pois, por mais que tentamos entender seus relatos, ainda o fazemos de um ponto de vista externo.

Contudo, é muito necessário o debate sobre o trabalho doméstico remunerado para fora de sua invisibilidade e desvalorização para que futuramente ele possa ser reconhecido como um trabalho aprendido e com requisitos próprios, e possa ter as mesmas noções e princípios que integram as demais ocupações existentes no mercado de trabalho. Além disso, prover de políticas e de ações sociais para que daqui a alguns anos as mulheres que desenvolvem tais atividades possam exercer sua cidadania plena e superar as más condições de vida e trabalho.

A pesquisa abre caminhos para se estudar o espaço do acontecer solidário através das ações praticadas, compartilhadas e vividas pelas trabalhadoras domésticas pela maneira que elas se conectam e se relacionam com seus lugares de trabalho e os indivíduos pertencente a esses lugares. Além disso, o estudo contribui para a reflexão de que as trabalhadoras domésticas também reedificam seus direitos, à medida que a constituição de lugares que integram o trabalho doméstico também serve de luta e resistência dessa categoria transformando as mulheres em sujeitos sociais e agentes ativos da mudança.

. O trabalho doméstico atual se mostra como um marco que define a jornada profissional de muitas mulheres que depende dessa atividade para se inserem no mercado de trabalho. Como observamos em vários relatos onde as trabalhadoras domésticas se colocam como protagonista de sua própria história, compartilhando relações e exercendo seu trabalho nos lugares das casas, enquanto buscam formas de resistir e garantir a renda financeira para seu sustento e de suas famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERY, Maria Amélia. **Para Compreender a Ciência: Uma Perspectiva Histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p.399- 436
- Artigo 263, **Código de Posturas do Município de São Paulo**. Disponível em: https://archive.org/stream/CodigoDePosturasDoMunicipioDeSaoPaulo1886/cod_post_1886_djvu.txt. Acesso em: 22 de maio de 2018.
- BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENTIVOGLIO, Elaine Cristina Saraiva. **A evolução da legislação do trabalho doméstico no Brasil**. Revista do Curso de Direito da Faculdade de Humanidades e Direito, v. 11, n. 11, p. 219-232, 2014.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. 2005. 12 f. Dissertação (Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.
- BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
- BRITES. Jurema Goski. **Afeto, Desigualdade e Rebeldia: Bastidores do Serviço Doméstico**. Tese Doutorado em Antropologia. Porto Alegre: UFRGS. 2000.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato. O sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2008.
- FRAGA, Alexandre Barbosa. **De empregada a diarista: as novas configurações do trabalho doméstico remunerado**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal**. São Paulo: José Olímpio, 1987.
- GOMES, Douglas. **Origem do Trabalho Doméstico no Brasil**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfqd4AK/origem-trabalho-domestico-no-brasil>. Acesso: 20 janeiro de 2020.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência: Criadas e Seus Patrões no Rio de Janeiro (1860-1910)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.p.18.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5a edição. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HARVEY, David. **17 Contradições e o Fim do Capitalismo**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p.67-68.
- HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Editora Annablume, 2005.p.57.

HINATA, Helena. **Salariado, precariedade, exclusão? Trabalho e Relações Sociais de Sexo-Gênero. Uma Perspectiva Internacional: Demografia da Exclusão Social.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, p.155-156 Nepo, 2001.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Daniéle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** In: Cadernos de Pesquisa, v. 37 n. 132, p. 595-609, set/dez 2007.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** PNAD, p. 7. Relatório 2000.

INÁCIO, Sueley Luana & COSTA, Carmem Lucia. **Uma Reflexão Sobre o Emprego Doméstico no Brasil: Relações Desiguais no Mundo do Trabalho a Partir do Gênero.** Volume, 13, n. 2, Ano, 2017.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 1870 – 1900.

KOFES, Suely. **Mulher, mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas.** Campinas, Editora da Unicamp, 2001. 470 páginas.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

LIBERATO, Vânia. **A dinâmica do serviço doméstico remunerado nos anos noventa no Brasil.** Anais da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, Belo Horizonte, v. 1, p. 63-73, 1999.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada.** In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MELO, Hildete Pereira. **O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras.** Rio de Janeiro: Ipea, jun. 1998.

PEC das Domésticas: 5 anos de uma conquista. Disponível em: <<https://www.domesticalegal.com.br/pec-das-domesticas-5-anos-de-uma-conquista/>> Acesso em: 23 de maio de 2018.

PEREIRA. Bergman de Paula. **De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós- abolição.** São Paulo- PucSP.p. 2-3.

PMD. **Pesquisa Emprego Doméstico.** Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/analisePED/2014/2014EmpregoDomestico.pdf>>. Acesso em: 22 de maio de 2018.

PNAD (**Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**) no período de 2001-2014. Brasil, 2009.

PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>.

PRIORI, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. In (org.) *Mulheres Pobres E Violência No Brasil Urbano*. São Paulo: Edunesp, 2000. p.364-365.

Renaux, Pedro. **Mulheres continuam a cuidar mais de pessoas e afazeres domésticos que homens**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20912-mulheres-continuam-a-cuidar-mais-de-pessoas-e-afazeres-domesticos-que-homens>. Acesso em 22/02/2020.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: Mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

SAFFIOTI, H, I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H, I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANCHES, Solange. **Trabalho Doméstico: Desafios Para o Trabalho Decente**. Estudos Feministas, Florianópolis, 17(3): 312, setembro-dezembro/2009. p.885.

SANTOS, Judith Karine Cavalcanti. **Quebrando as correntes invisíveis: Uma análise crítica do trabalho doméstico no Brasil**, 2010, 85s. Dissertação (Mestrado em Direito, Estado e Constituição) Universidade de Brasília Faculdade de Direito, Brasília-DF, 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009 [1996]. p. 132.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2014 [1985]. p.120.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 [1978]. p. 202-203.

SLENES, Robert. **Senhores e Subalternos no Oeste Paulista**. In: Luiz Felipe de Alencastro. *História da vida privada*. v.2. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

SILVA, D. F. **Ensaio da história do trabalho doméstico no Brasil: um trabalho invisível**. Cadernos de Direito, Piracicaba, v. 17(32): 409-438, jan.-jun. 2017.

Número de domésticas bate recorde, mas é o menor com carteira desde 2012. UOL. Disponível em:<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/02/08/empregada-domestica-recorde-sem-carteira-assinada.htm>. Acesso em: 02/02/2020.

PINHEIRO, L. **Expansão dos direitos das trabalhadoras domésticas no Brasil**. IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica; Brasília; agosto 2012; p. 02-03.

PEC das Domésticas: 5 anos de uma conquista. Doméstica Legal. Disponível em: <<https://www.domesticalegal.com.br/pec-das-domesticas-5-anos-de-uma-conquista/>> Acesso em 13/03/2019.

COSTA, M. S. J. Efeitos da ampliação dos direitos trabalhistas sobre a formalização, jornada de trabalho e salários das empregadas domésticas. IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA 2016. p. 18-19.

SERPA, C. N. A inserção e a discriminação da mulher no mercado de trabalho: Questão de gênero. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010.

AVILA, B. M. Trabalho doméstico remunerado: Contradições estruturantes e emergentes nas relações sociais no Brasil. Psicol. Soc. vol.32; Belo Horizonte; 2020; Epub Sep 04, 2020.

TEIXEIRA, J. M. Os Lugares das empregadas domésticas. o&s - Salvador, v. 22 - n. 72, p. 161-178 - Jan./Mar. – 2015.

FRAGA, B. A. Quem são as diaristas? Uma análise das estruturas legais e culturais na articulação entre trabalho e família. 42º encontro anual da ANPOCS; 2018.

ANEXOS

Anexo 1: Roteiro de Entrevistas

Entrevista

Data:

Cidade:

Entrevistada:

- 1) Qual é o seu nome? Quantos anos você tem? Em qual cidade você mora?
- 2) Você se considera branca, parda, negra, indígena ou de ascendência oriental?
- 3) Com quantos anos você começou a trabalhar como doméstica?
- 4) Como é o seu caminho até o trabalho? Qual o meio de transporte você usa para ir voltar ao/do trabalho? Quanto tempo você gastava para chegar ao trabalho?
- 5) Poderia me contar um pouco de sua rotina de trabalho? Que tarefas você realiza todos os dias? Há dias específicos para limpar, fazer comida ou lavar roupa, por exemplo?
- 6) Você realiza alguma atividade extra no trabalho além das atividades de doméstica? Se realizar, que atividades seriam essas?
- 7) Como é a sua relação com os membros da família onde trabalha? Seu patrão/patroa? Já se sentiu alguma vez discriminada por algum empregador. Se sim, pergunte se poderia me contar.
- 8) Quais as maiores dificuldades que você enfrenta ou já enfrentou no seu dia a dia como doméstica?
- 9) Você já morou nas residências onde trabalhou?
- 10) Você já se machucou em local de trabalho? Houve algum acidente? Se houve poderia me contar como foi?
- 11) Você possui carteira assinada? Se sim, há quanto tempo?
- 12) Qual é a sua renda semanal ou mensal?
- 13) Você já pensou em alguma vez deixar de ser doméstica? Se já deixou, por quê?
- 14) Como você se sente ao entrar em sua casa depois de um dia de trabalho?